

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

O chefe do Estado assistiu no planalto de Alpevro ao desfile de 20.000 soldados e 2.500 viaturas que participaram nas manobras de Santa Margarida

(Do nosso enviado especial)

SANTA MARGARIDA, 27 (Pelo telefone).— Trinta dias depois de iniciados os grandes exercícios previstos, terminaram hoje as manobras divisionárias, tipo A, que se efectuaram na «zona de operações» vizinha ao Campo de Instrução de Santa Margarida.

Ao seu fecho, assinalado por uma grandiosa parada militar, assistiu o chefe do Estado que, para tal, voltou esta tarde ao Campo de Instrução. Apesar da chuva que caiu durante toda a madrugada, a máquina militar acantonada aqui começou a movimentar-se cedo. As primeiras horas da manhã, todo o material motorizado que fez parte da divisão em manobras

começou a dirigir-se para Alpevro, amplo planalto onde a parada se desenrolou. Uma vez ali, todas as viaturas em numero superior a 2.500 alinharam em frente da tribuna postando-se um pouco atrás do espaço que, depois, foi ocupado pelas tropas apeadas. Estas começaram a sua concentração às 12 horas, marchando dos seus bivaques para ali, já em columna cerrada, tal como, mais tarde, iriam desfilar. A concentração estava terminada às 14 e 15.

Os 20.000 homens e todo o material de guerra que constituem a 1.ª divisão formavam uma compacta massa, de efeito impressionante.

Aos lados da tribuna, espalhados pela beirama do caminho que as tropas iriam percorrer

no seu desfile, apinhava-se um numero elevado de civis, que vieram atraídos pela prometedora beleza do espectáculo, e outros com a intenção de poderem ver seus familiares, ausentes há 30 dias. Uns e outros extasiavam-se agora com a grandeza da concentração, postada entre eles, em alinhamentos rígidos e em mancha acinzentada de alguns quilómetros quadrados de área, salpicada de onde em onde pelas garriadas cores das flamulas arvoradas nas antenas das viaturas.

100 tanques «Patton» em formatura

Ao centro, destacados de tudo pela grandiosidade dos seus pesados bojos, estavam 100 tanques «Patton» erguendo as suas torres metálicas acima do nível médio daquela massa bélica.

Cerca das 14 e 30 estava terminada a formatura sob o comando do brigadeiro Luís Domingues, 2.º comandante da Divisão. Trinta minutos depois, o general Pinto Ribeiro, comandante da Divisão em manobras, assumiu o comando das forças, sendo-lhe então prestada continência enquanto as bandas militares, colocadas junto da tribuna de honra, tocavam o hino da Maria da Fonte. Em seguida, o comandante

(Continua na página central)



A princesa Alexandra da Grécia, esposa do ex-rei Pedro da Jugoslávia, á saída do Palácio da Justiça, de Paris, onde compareceu para uma tentativa frustrada de conciliação com o marido, que requereu o divórcio. A princesa atentou há dias contra a própria existência cortando o pulso com uma faca, em virtude do marido manter a sua atitude de intransigência acerca do pedido de divórcio



Um busto de Salazar foi hoje inaugurado na escadaria nobre do Município de Braga

BRAGA, 27.—(Pelo telefone).—Na escadaria nobre dos Paços do Concelho, que se encontra vistosamente onamantada, e com a presença do governador civil, tenente-coronel Nery Teixeira, autoridades civis, militares e eclesiásticas, será esta tarde, cerca das 16 e 30, descerrado um busto em bronze, do sr. presidente do Concelho, da autoria do escultor Raul de Xavier e erguido sobre um elegante pedestal de granito.

Durante a cerimónia usará da palavra o presidente do Município, para saudar o chefe do Governo e afirmar que a cidade de Braga, sempre justa e precisa nos seus juízos, quis, com aquele acto, associar-se de maneira especial ás comemorações jublares do sr. presidente do Concelho.

Falará, a seguir, o deputado sr. dr. Augusto Conqueria Gomes, encerrando a cerimónia o governador civil que, em nome do chefe do Governo, agradecerá a homenagem da cidade de Braga.

O DR. TEOTONIO PEREIRA foi recebido por Eden

LONDRES, 27.—Anthony Eden recebeu esta manhã no Foreign Office o novo embaixador de Portugal na Grã-Bretanha, dr. Pedro Teotónio Pereira, a pedido deste diplomata. Trata-se da primeira visita de cortesia feita ao chefe do Foreign Office pelo novo embaixador português que, chegado a Londres recentemente, deve apresentar em breve as suas cartas credenciais á rainha Isabel II.—(F. P.).

A Organização das Nações Unidas (O. N. U.), recordou no dia 24 o seu oitavo aniversário. Escuteiros de diferentes países empunhavam as bandeiras dos Estados membros, diante das quais passou o actual presidente da O. N. U., a Indiana sr.ª Vijaya Lakshmi Pandit, que se vê, na gravura, acompanhada pelo secretário-geral daquele organismo, o Norueguês sr. Hammarkstjöld

A' instabilidade anterior a 1926

sucederam a estabilidade política
e a confiança interna e externa

— afirma o eng. Carlos Garcia Alves

Por méritos próprios, o eng. Carlos Garcia Alves ocupa lugar de relevo no sector dirigente da Indústria. E' nesse meio que se processa a sua vida profissional, no dia a dia de trabalho e das responsabilidades provenientes da direcção de importante empresa. Tem conhecimento, em plano vasto e generalizado, da actividade industrial portuguesa, tomada em conjunto, pelo desempenho de cargos em organismos técnicos e da especialidade.

No inquérito pluralizado, de ordem política e social, agora posta á apreciação do País, importava ouvir a sua opinião, valiosa sob todos os aspectos, até por o vice-presidente da Associação Industrial Portuguesa jamais haver aparecido em publico como defensor de qualquer corrente de opinião política. Homem do seu tempo—afinal, do nosso tempo—tornou-se conhecido, isso sim, como elemento de espantosa actividade em tudo quanto se relaciona com o importante e pouco conhecido meio da

produção e trabalho fabril decorrente em Portugal.

Breve conversa, troca de impressões sobre pontos não genéricos de política, mas versando o ramo da ocupação do entrevistado, incisivamente orientado pelo jornalista no caminho das conclusões de ordem prática, nacional, afinal, as que interessa conhecer. Como veio, quando veio e porque veio para a industria?—eis a pergunta fundamental formulada.

Pois vim pelo simples motivo de me ter preparado para a profissão, aliás, carreira, a que se aliavam interesses familiares. Depois, as obri-

(Continua na 12.ª página)

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

O eng.º Cunha Leal responde às acusações que têm sido formuladas de a Oposição não ter programa

O sr. engenheiro Cunha Leal comunica-nos, com pedido de publicação, o seguinte, em resposta a algumas observações e duvidas que têm sido postas em discursos e artigos de propaganda das candidaturas da União Nacional.

1 — O divisionismo e a falta de programa dos adversários do regime

Quando antigamente, em períodos eleitorais, ouvia ou lia os sempiternos remosques do escol-situacionista contra as oposições—o divisionis-

mo, a falta dum programa de acção política, económica e social, a teimosia em não reconhecerem os benefícios materiais e espirituais do regimen, as acusações injustificadas contra a imoralidade decorrente da impossibilidade de verdadeira fiscalização da actividade administrativa do Estado—sentia formar-se na minha alma uma verdadeira vaga de indignação e de revolta e imputava exclusivamente o fenómeno daquela obstinação á ansia ardente de manutenção de situações privilegiadas, que era preciso defender com todas as armas e, em especial, com a denegação de liberdades aos adversários em épocas normais, com a hipocrisia e com a má fé.

Este meu juízo peyorativo, que ainda hoje reputo lógico no tocante a muitos, generalizava-o então a todos, não sei se com inteira justiça. E o meu espirito aduzia para isso razões de certo peso.

Se não, vejamos. Os oposicionistas não surgem, de facto, perante a nação como um bloco uniforme e homogéneo, o que justifica a acusação de divisionismo, que tanto gáudio causa aos maiores situacionistas. Ora a verdade é que estes é que são os progenitores de tal estado de coisas, para o que adoptaram os seguintes procedimentos:

- 1) declararam fora de lei os partidos políticos, tolerando tão sómente as actividades do sector monárquico, associado a eles no gozo das benesses materiais do regime, e regozijando-se com as manobras subterraneas do comunismo, para o utilizarem como espantelho;
- 2) proibiram consequentemente as reuniões dos partidos democráticos;
- 3) impossibilitaram a renovação dos seus quadros;
- 4) depois de substituírem, mercê da Censura

(Continua na 4.ª página)

O novo administrador dos Hospitais Cívicos

Por ter sido nomeado administrador dos Hospitais Cívicos de Lisboa, deixa o cargo que, com idêntica designação, há anos desempenhava no Hospital Miguel Bombarda, o sr. dr. Rafael Ribeiro.

Por esse motivo, efectuou-se, no salão nobre daquele estabelecimento, uma sessão de despedida, a que presidiu o dr. Fernando Ilharco, director do Centro de Assistência Psiquiátrica do Sul, ladeado pelo dr. Almeida Amaral, director do hospital. No salão viam-se todos os componentes do corpo clínico, enfermeiras, pessoal de secretaria e outros funcionários.

Discursou em primeiro lugar o sr. dr. José de Aguiar Frazão, secretário do hospital, que fez o elogio do administrador e pôs em relevo a obra que realizou no Hospital Miguel Bombarda.

Em seguida, o sr. dr. Rafael Ribeiro agradeceu a homenagem e disse que deixava com saudade aquele estabelecimento.

No final, o homenageado foi muito cumprimentado.

DE LUTO

Alfredo Pires Martins

Faleceu o sr. Alfredo Pires Martins, de 62 anos, comerciante, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Delfina Ribeiro Martins, pai das sr.ªs D. Maria Luisa Martins Assado e de D. Hortense Ribeiro Martins, e sogro do sr. José Agripio Assado, funcionário público. O funeral realiza-se amanhã, às 11 horas, da Avenida Sacadura Cabral, 23, para jazigo no cemitério dos Prazeres. Os serviços funebres estão a cargo da agência Salgado.

Inácio Rebelo

Faleceu o sr. Inácio Rebelo, de 75 anos, natural da Régua, ferroviário, aposentado, casado com a sr.ª D. Maria Flora Pires Rebelo. O funeral, a cargo da agência Magno, realiza-se amanhã, às 16 horas, da igreja de S. Lourenço para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

SUFRAGIOS

Joaquim Gonçalves Neto

Mandada rezar por sua família, celebra-se amanhã, às 9 horas, na igreja dos Salesianos, missa do 30.º dia, sufragando a alma do sr. Joaquim Gonçalves Neto.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Telef. 43189-43180-55301-62772-CC 22

R. DE SANTA MARTA, 52-A, 56-A

Não confundir esta quase secular casa com outra há pouco criada com nome semelhante

PARA OS NOSSOS POBRES

Recebemos e agradecemos, em nome dos contemplados, 20500 destinados aos nossos pobres, enviados por N. T.

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLÍCIA

Na Polícia Judiciária, encontra-se preso Almiro de Sousa Gonçalves, morador na Rua das Amoreiras, n.º 111, acusado de burlar várias pessoas com a promessa de lhes arranjar cédulas marítimas. O referido indivíduo, já estivera preso e tinha sido posto em liberdade três dias antes. Entre os burlados contam-se os srs. Américo dos Santos Cruz, Emilia da Conceição Silva e Maria do Carmo Leite. A Polícia Judiciária pede a todas as pessoas que foram burladas que se apresentem.

FALSO MENDIGO — Foi preso Silvestre Teodoro, de 50 anos, solteiro, trabalhador, morador na Cova da Piedade, quando, na Rua Alves Torgo, mendigava com um braço ao peito devidamente ligado, fazendo crer, a quem pedia, andar gravemente ferido, o que se verificou ser falso, no Banco do Hospital de S. José, para onde foi conduzido por um guarda da P. S. P., que, ao interrogá-lo, suspeitou das suas declarações.

DUAS QUEIXAS — Francisco Ricardo Calisto, de 31 anos, casado, queixou-se na P. S. P. contra Manuel Gomes, de 50 anos. São ambos serradores de marmores e residem em Montelavar (Sintra). O primeiro acusa o segundo de, naquela localidade, o ter agredido com um pé de ferro, ferindo-o na orelha direita, do que foi tratado no Hospital de S. José.

— Também Alda Marques Cipriano, de 55 anos, viúva, costureira, moradora na Rua Tomás da Anunciação, n.º 137, 3.º, esquerdo, se queixou de que os gatunos entraram na sua residência, por meio de chave falsa, furtando lençóis, colchas, um candeeiro de mesa e outros objectos, tudo avaliado em 1.300\$00. Suspeita de determinado indivíduo, cuja identidade indicou à Polícia.

CONFERÊNCIAS

Amanhã, no Instituto Britânico em Portugal, Rua Luís Fernandes, 3, o sr. George Seddon faz a sua anunciada conferência sobre a Austrália. O conferente recentemente chegou a Portugal, onde ingressou no quadro dos professores do Instituto, é de nacionalidade australiana, sendo formado pela Universidade de Melbourne e Literatura Inglesa. Esta conferência, que é pública, efectua-se às 18 e 30, no salão do primeiro andar daquele estabelecimento cultural.

É VITA

Modas. — Confecções para senhora. Últimas novidades, elegância e bom gosto. Preços acessíveis.

AVENIDA DE MADRID, 3-B

Bifes à cortador, Oh! Lacerda

Avenida Berna, 36-A, modernizado, aguarda a visita dos seus clientes

O Rotary Clube

festejou hoje

o Dia das Nações Unidas

O Rotary Clube festejou hoje o Dia das Nações Unidas com um almoço a que presidiu o engenheiro sr. Emanuel Michez e durante o qual o sr. prof. Marques Guedes falou da organização colectiva após os conflitos de 1914 e de 1939, preconizando agora novas realidades além da consolidação da N. A. T. O., e a defesa do Ocidente num ambiente de maiores liberdades e direitos para os homens.

A sala da Casa do Alentejo, onde se deu o almoço, estava ornamentada com as bandeiras das Nações Unidas, que eram também empunhadas por meninas vestidas com as respectivas cores, recebidas com aplausos pelos assistentes, entre os quais rotários franceses, italianos, belgas, irlandeses e brasileiros.

Vão ser julgados

40 ex-tripulantes

do paquete «Vera Cruz»

Ao abrigo do artigo 135.º do Código Penal e Disciplinar da Marinha Mercante, vão ser julgados, dentro em breve, no Tribunal Marítimo, quarenta indivíduos que faziam parte da tripulação do paquete «Vera Cruz», acusados de, no dia 12 de Janeiro deste ano, na véspera da chegada daquele navio ao Rio de Janeiro, se terem reunido no salão da terceira classe, com o fim de protestarem contra uma ordem legítima do respectivo capitão. Segundo o estabelecido naquele código, estes actos são punidos com pena maior. Como os referidos marinheiros estão aguardando julgamento, há meses, e estão impedidos de trabalhar por terem as cédulas apreendidas, o julgamento vai realizar-se em breve, sob a presidência do comandante Newton da Fonseca, capitão do porto de Lisboa.

ISTO VAI CAUSAR-LHE UMA BOA SURPRESA

O TEU PAI VAI FICAR TODO VAIDOSO COM A FILHA QUE TEM

OLHA O QUE A TUA FILHA FEZ PARA O DIA DOS TEUS ANOS!

OH! COM «VAQUEIRO» TUDO É FÁCIL! PROVA E DÁ-ME A TUA OPINIÃO

TEM UM ASPECTO ESPLENDIDO MAS O GOSTO AINDA É MELHOR! «VAQUEIRO» É UMA MARAVILHA

A NOSSA FILHA JÁ SABE O PRINCIPAL PARA TORNAR UM HOMEM FELIZ! COZINHA MUITO BEM E PREPARA PRATOS DELICIOSOS COM «VAQUEIRO»

MARGARINA

VAQUEIRO

Sempre fresca Vitaminada

Escreva a Francine Dupré, Apartado 34 - Lisboa Norte, e peça-lhe as suas receitas. Ela-lhas enviará gratuitamente.

VAQUEIRO
FAZ O BOM COZINHEIRO

FIMA-FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA LDA - SACAÇEM

53-VA-09-605



VOE NO "El Colombiano" EM CONSTELLATIONS DE LUXO!

TODOS OS DOMINGOS
Voos directos para Sta. Maria, Bermudas, Barranquilla e Bogotá.
Ligações directas para New York, América Central e do Sul.

TODOS OS SÁBADOS
Voos directos para: Frankfort e Hamburgo via Madrid e Paris

AVIANCA
A LINHA AÉREA MAIS ANTIGA DA AMÉRICA

Para informações ou reservas dirija-se ao seu Agente de Viagens, à Pan American World Airways ou à SIPAA - Praça dos Restauradores, 46 - Telefones 3 1928/29, 2 1181/82 e 2 7737.

JUNIORES DA A. F. L.

Só 4 equipas sem pontos perdidos

Jogaram-se anteontem, as oito partidas da 3ª jornada do campeonato distrital de Lisboa, da 1ª Divisão, para a categoria de juniores.

Domingo a domingo vão registando expulões de jogadores, provenientes de causas diversas. O aspecto disciplinar, no certame em curso, interessa sobremaneira, visto não se poder olvidar que nele participam mais de 200 praticantes, dos quais, alguns infleirão nas equipas de primeiro plano. Há, portanto, que aplaudir todo o árbitro cuidadoso no respeito à conduta de todos os juniores, para assim contribuírem na moralização do desporto nacional, memento do futebol, onde, pelos vistos, reina forte irreverência quer pelo adversário, quer pelo próprio clube cujas cores se defende, quer, ainda, pelo público, que tanto paga para o desenvolvimento da especialidade.

Na série A, tudo se passou como era aguardado

Os resultados feitos na Série A, foram os seguintes:

S. L. Olivais—Atlético	1-5
Operário Vilaf.—Águia Vilaf.	0-2
Alhandra—Sporting	0-2
Oriental—Mirantense	1-0

Venceram os favoritos. Os que ainda não haviam conhecido o trazo da derrota, como o Atlético, o Águia e o Sporting continuam triunfantes. O primeiro arrancou ante o Olivais o «score» mais volumoso da jornada. A vitória dos alcantarenses era aguardada, mas talvez não por tamanha margem. No entanto, anote-se que a sua linha atacante parece ser possuída de forte poder concretizador—na primeira ronda, obteve contra o Oriental, 3-1; na segunda, brindou o Alhandra com 6-1; e ontem, foi o que se sabe... Não é o grupo menos vezes batido, pois essa honra, na série, pertence aos «leões», mas é o mais realizador—14 golos em três encontros!

Em segundo lugar está o Águia, também imbatível. Anteontem, defrontou o seu maior rival—o Operário Vilafranquense—, e desforrou-se da

derrota (1-0), que este lhe havia infligido na segunda volta do torneio passado.

O Alhandra, que na época finda, conseguiu vencer o Sporting, por 3-1, não repetiu a façanha, apesar de também haver jogado no seu ambiente. Os «leões», acataram-se e regressaram sem consentirem na violação das regras, o que aliás só o fez uma vez, o Oriental na jornada de há uma semana.

O Oriental obteve a sua primeira vitória, mercê do escasso 1-0 sobre o Mirantense. Este clube, porém, tal como o Operário Vilafranquense, ainda não encontrou o caminho das redes adversárias. Estes e o Sacavenense, ontem de folga, têm um jogo a menos em relação aos restantes.

Nesta série, as equipas mostram-se mais realizadoras—44 tentos (14+19+11)! Defesas fracas, ou ataques fortes?

Na serie B, também não houve falta de lógica

Terminaram, como se segue, os jogos de ontem:

Benfica—Estoril	1-1
Casa Pia—Carcavelos	3-0
D. Castelo—Arroios	2-0
F. Benfica—B. Inglaterra	0-2

O primeiro empate da competição verificou-

se nesta série. Foram seus autores o Benfica e o Estoril, na partida efectuada entre si: Deve ter havido quem conclua tal resultado de surpresa. Observando, porém, a marcha de ambas as equipas no presente campeonato, fácil se torna deduzir que o desfecho nulo é o mais lógico. Senão vejamos: até ao momento ambos estavam invictos; os sectores atacantes têm-se assemelhado—o do Estoril fizera 4 bolas e o do Benfica, 5 mas um obtido de grande penalidade. As defesas, no entanto, mostravam-se diferentes—a dos estorilenses ainda não havia sido batida; a dos tencarnados já o fora com dois tentos do Carcavelos. Dada, porém, a circunstancia do Benfica jogar no seu campo, não é forçado a raciocínio de que ambas se apresentavam niveladas. Logo, o resultado está certo, até pelo desenrolar do jogo. Todavia, perguntar-se-á, dadas as maiores possibilidades de recrutamento por banda do Benfica, o seu quadro traduz essas possibilidades?

O D. Castelo averbou a primeira vitória. Consentiu-o o Carcavelos e por margem concludente. O Casa Pia, depois da derrota sofrida ante o Benfica, voltou a ganhar, por 3-0, agora sobre o Carcavelos, que juntamente com o Arroios e o F. Benfica, não tem vitórias. Registe-se, contudo, que os ultimos dois e o Belenenses, ontem em descanso, têm menos um jogo efectuado.

O B. Inglaterra venceu pela segunda vez. Ontem foi sua vítima o F. Benfica.

Nesta série só o Arroios não transformou qualquer oportunidade. O ataque mais realizador pertence aos campeões regionais, com 8 golos. A sua defesa, como a do Estoril (esta desfeiteada, ontem, pela primeira vez), a do Casa Pia e a do B. Inglaterra só permitiram a marcação de um golo apenas!

O somatório de golos é menor do que na outra série—33 (12+12+9). Defesas fortes, ou ataques fracos?

J. GRAIS

Arbitros para domingo

Foram sorteados para os jogos do próximo domingo os seguintes árbitros:

Primeira divisão — Oriental-V. Guimarães, Inocência Calabote (Evora); Atlético-Barreirense, Paulo de Oliveira (Santarém); Boavista-Benfica, Cunha Pinto (Setubal); Belenenses-Académica, João do Vale (Braga); Vitória Setubal-F. C. Porto, Jaime Pires (Lisboa); S. Braga-Sporting, Reis Santos (Santarém); S. Covilhã-Lusitano, José Santos Marques (Lisboa).

Segunda divisão — Zona A, Leixões-Oliveirense, Braga Barros (Leiria); Salgueiros-Espinho, Isidoro Mendes (Santarém); Sanjoanense-Vila Real, Correia da Costa (Porto); Académico

(Continua na 14.ª página)

O PRESENTE DE ELEIÇÃO PARA AS PESSOAS CÉLEBRES DE TODO O MUNDO... nova

A CANETA Parker "51" é, simultaneamente, o mais belo e o mais prático dos presentes, devido a sua linha e perfeição técnica.

É a unica caneta que possui o sistema "aero-metric". Escreve instantaneamente. Cada enchimento proporciona muitas horas seguidas de escrita suave e sem esforço.

Ofereça uma Nova Parker "51", à venda nos modelos para homem e para senhora, em todas as boas casas da especialidade.

Parker "51"

A caneta
mais desejada
do mundo!



Para obter os melhores resultados, tanto com esta como com qualquer outra caneta, use Parker Quink com solv-x.

Preços: Canetas Parker "51" Dourada 600\$00 — Lustraloy 500\$00
Representantes Exclusivos e Posto Central de Reparações:
Papeleria da Moda — António Vieira, Lda. — Rua do Ouro, 167 — Lisboa

PP. 538

Clássico
Vampiro
REVELA
EM PORTUGAL
O MAIS TRADUZIDO
AUTOR INGLÊS
John Crasey
O PRÍNCIPE
JOGA E GANHA
LIVROS DO BRASIL

O LEITE
É UM ALIMENTO COMPLETO...
O leite é um alimento
completo... — completo
quando é leite pasteu-
rizado «VIGOR» — em
garrafas de 1-1/2-1/4 de
litro.

LEIA COM ATENÇÃO
COMPRIMIDOS
TESTISAN
TÔNICO MASCULINO
De acção sobre órgãos responsáveis
pelo equilíbrio psicofísico do indivíduo,
TESTISAN traduz a actual concepção da
terapêutica americana no tratamento da
senilidade precoce e da insuficiência glan-
dular do género masculino. Envia literatu-
ra elucidativa FCA Avenida de Paris, 2,
Lisboa.

O eng.º Cunha Leal recorda que o seu programa foi actualizado e publicado em 1949

(Continuação da 1.ª página)

prévia, a diferenciação, orientada e disciplinada, dos conceitos intelectuais pelo caos espiritual, impediram a todo o custo a formação de núcleos de atracção ideológica, em torno dos quais viessem a ordenar-se os materiais dispersos da mentalidade humana.

Repare-se em que os partidos se fundam em um iderário, a que dá adesão um agregado mais ou menos volumoso dos cidadãos dum país. A sua existência exige, como condição necessária e suficiente, a livre manifestação do pensamento, para que possam formar-se as ideias médias. Estas resultam em primeiro lugar das observações, percepções e juízos, que cada um vai fazendo diariamente sobre os fenómenos que prendem a sua atenção, em segundo lugar da atitude do meio exterior sobre os mesmos fenómenos, em terceiro lugar das reacções individuais em face de conceitos fundamentalmente diversos dos seus, e que tudo vai traduzir-se finalmente numa espécie de transacções ideológicas entre os componentes da mesma nação. Quando é assaz volumoso o número de aderentes a um complexo de princípios, resultantes da adopção de juízos identificados em relação aos problemas materiais e espirituais da grei, compreende-se e justifica-se a formação dum partido.

Mas as ideias médias não têm carácter de fixidez, não são como as rochas sólidas encastradas na terra, antes se vão modificando gradual e progressivamente em face das alterações que os tempos introduzem no domínio das forças da natureza e no condicionalismo da vida humana. Pretender que um partido possa subsistir depois de ter sido impedida, por mais de um quarto de século, a livre discussão e, como consequência, a troca de ideias entre os seus componentes, é o mesmo que admitir a possibilidade da cristalização do pensamento humano e, portanto, a fossilização da sociedade. E' esse, afinal de contas, o objectivo da União Nacional, visto que em boa verdade se funda na permanência e imutabilidade através dos tempos, do mesmo programa político e social.

Acontece, porém, que a maioria dos Portugueses deseja veementemente acompanhar as mutações do panorama social e político da época contemporânea e recusa ostensiva ou oculta o seu aplauso a uma União Nacional, que proclama precisamente a excelência do conceito oposto. Então esses indivíduos, embora por pudor, continuam filiados no mesmo organismo político, em que, á data de 28 de Maio de 1926, estavam integrados—não vá chamar-se-lhes desertores—passam a reagir na vida social de modo autónomo, por isso que o ideário do seu partido está desactualizado e não pode renovar-se devido á compressão e repressão do aparelho do Estado.

Pouco a pouco, os partidos transformam-se assim em organizações arcaicas, sem arraigo no país, e os indivíduos passam a formular conceitos políticos e sociais, sem se deixarem impregnar dos que estão na base do partido único do regime, sem poderem corrigir os seus pela influência intelectual de outros discordantes do pensamento do situacionismo e sem influenciarem, a seu turno, a formação das ideias alheias. Deste modo cada um dos membros da «élite» oposicionista surge-nos como portador dum programa próprio, cuja acomodação com os dos outros não pode fazer-se instantaneamente.

Quando, de tantos em tantos anos, o regime se vê forçado a atenuar de momento a sua atitude autoritária, encontra-se em face duma massa de adversários, que só por milagre não teria dificuldades em concertar uma tática de acção e em descortinar o denominador comum do seu pensamento político e social. Esta confusão, consoante já asseverei e estou demonstrando, é a fatal consequência de absurdas restrições libertárias. Mas, com á-vontade própria para provocar irritações, os situacionistas voltam-se para os seus opositores e dizem-lhes com ar escarinhado e triunfal: que adversários são estes que assim se mostram sem homogeneidade intelectual e reduzem o seu programa a um mínimo inaceitável? E ficam muito contentes por terem feito o mal e fazerem posteriormente a caramunha.

Sim, estamos desunidos e não podemos apresentar um programa genérico de contextura estatal e de acção administrativa—dizia-lhes eu depois da campanha presidencial de Fevereiro de 1949. Em emergências eleitorais, os adversários do regime limitam-se logicamente, como fiz no dia 12 do mês corrente ao microfone de Rádio Clube Português, por um lado a proclamar a sua fidelidade aos princípios básicos da Democracia, o único sistema que respeita e defende os direitos naturais do homem, por outro lado a reclamar do regime vigente a introdução na sua estrutura de modificações atinentes a permitir que por meio de livre discussão se chegue a acertar entre os Portugueses uns tantos princípios de ordem política, económica e social, para se poder converter a massa inorgânica da nação, na altura própria, em agrupamentos diferenciados por ideários de contornos definidos.

Não é a inóipia de ideias que aflige os arraiais oposicionistas, mas sim o seu excesso, resultante da carencia forçada de convívio intelectual, em larga escala, entre os componentes da grei. Para demonstrar que assim era e ainda para obedecer ás sugestões amigas de Agatão Lanza, de Prestes Salgueiro e de Hercúlo Nunes—os dois últimos dos quais já

foram encontrar prematuramente no eterno descanso da morte a paz para as suas almas atribuladas—, resolvi então elaborar, com base nas minhas opiniões individuais, um programa de carácter democrático.

Redigi um manifesto justificativo das minhas ideias, inserindo no seu final aquele documento, que, de resto, não era mais do que a actualização de outro, por mim publicado em 1931, quando exilado na Corunha, num livro subordinado ao título de—«Ditadura, Democracia ou Comunismo?». Por sua vez este programa nada mais constituía que a adaptação ao condicionalismo de então dos Estatutos da «União Liberal Republicana», que tive a imerecida honra de chefiar e onde tive, como correligionários entusiastas, homens de valor, alguns dos quais acabaram por encontrar no actual regime a sua «estrada de Damasco» e agora se horrorizam com os princípios, que então mereciam o seu incondicional aplauso.

Não vai nesta constatação nenhuma espécie de censura. Quando muito, se as minhas ideias não tivessem, de há muito, emurchecido, ousaria esperar que estas palavras fizessem suscitar no espírito de cada um deles singelas interrogações: quando é que eu estaria com a verdade? Ontem ou hoje? E ainda poderia esperar que esta pontinha de dúvida, introduzida no limiar das suas consciências, os levasse a novas transigências.

Pois bem, esse manifesto, dirigido á nação e ao Governo, embora elaborado antes de fins de Fevereiro de 1949, só veio a lume em 29 de Outubro do mesmo ano, cerca de oito meses depois!

Como explicar tão extraordinário retarda-

mento? E' que, apesar de ter solicitado do ministro do Interior de então que fosse autorizada a sua publicação e ulteriormente consentida uma reunião de democratas, onde fosse apreciado o programa elaborado por mim, não consegui ver deferida qualquer destas duas pretensões. E foi necessário que me candidatassem a deputado em Outubro de 1949, para que, por virtude da atenuação dos rigores da Censura prévia, em exclusivo benefício dos componentes das listas eleitorais, esse documento pudesse afinal ser inserido nas acolhedoras colunas do «Diário de Lisboa».

A partir desse momento, já seria pouco decoroso asseverar-se que, ao menos, o único candidato republicano de então não tivesse um programa político e social, bom ou mau, embora não pudesse reclamar-se da concordância dum sector, mais ou menos considerável, do País com as suas ideias próprias, por isso que os governantes continuavam a proibir os contactos entre democratas.

Os situacionistas houveram então por bem não abordar a análise do meu programa, porquanto é muito mais fácil vaia-lo do que entrar em controvérsias no campo sereno das ideias. E nas últimas eleições voltaram a desferir o mesmo bordão do divisionismo e da carencia de programas com semcerimónia verdadeiramente surpreendente. Proibem-nos de nos associarmos legalmente, para nos poderem acusar de divisionismo. Proibem-nos de nos reunirmos e de usarmos livremente do precioso instrumento da Imprensa, para continuarmos impossibilitados de acertar os nossos pensamentos e poderem assim acusar-nos de carencia de programas.

2 — As contradições dos situacionistas quanto ás acusações anteriores

Em todos os actos eleitorais do passado, que conseguiram despertar o interesse dos democratas, á clamorosa acusação de divisionismo, formulada pelo escol situacionista contra os seus adversários, acrescentava-se sistematicamente a de terem entrado em contubernios com os comunistas locais. Esta constituía a mais imperdoável falta da oposição.

Em boa verdade, alguns republicanos, a começar por mim, censuravam a falta de decisão dos democratas para susmarem a infiltração da 5.ª coluna soviética nos seus arraiais.

Lentamente, porém, foi-se consumando a separação entre comunistas e democratas, porque os factos se encarregaram de convencer os últimos da má fé visceral dos pregoeiros duma democracia popular, tão antidemocrática como a democracia orgânica. E, quando o fenómeno se tornou evidente, como é que se comportaram os organicistas? Bateria porventura palmas com a satisfação, própria de bons portugueses, de se ter minimizado desta maneira a permeabilidade da nação á doutrina de guerra civil impiedosa? Acaso confessaram nobremente a sem-razão das suas anteriores prevenções?

Nada disso. Em Braga continuou a ferir-se a mesma tecla, talvez porque os candidatos da capital religiosa nortenha não estejam «à la page»—perdoe-se-me o francês, a que não sei se os situacionistas serão tão alérgicos como ao latim. Mas do Porto para o Sul, ao apreciar as acusações dos monadistas contra os candidatos da oposição, os componentes das listas da União Nacional promovem os comunistas á categoria de democratas e consequentemente constata-se que se gerou uma cisão no campo da democracia. O convívio com eles era ontem motivo de vitupério e de náuseas, a luta contra eles é hoje sintoma de divisionismo e enfraquecimento e não de reconquista de homogeneidade e portanto de força. Eis até que extremo o despreso pela lógica, aliado á paixão política, pode

levar os homens!

E outra cisão—dizem ainda os situacionistas—se está observando no sector democrático da nação: a dos democratas cristãos, em transe de parturimento dum partido, que surgirá, como um coelho vivaracho, do chapéu alto dum anónimo ilusionista. Os próprios católicos manifestam ignorância no tocante a este acto de criação. Mas tudo serve aos intemperatos propagandistas do regime para provocar assomos de alegria nos animos confortados dos seus seguidores.

Já agora alimentemos a sua boa disposição com este outro argumento da mesma espécie e do mesmo valor lógico: como os situacionistas são também democratas orgânicos, as nossas pugnas com eles são afinal de contas indícios de confusão nos arraiais democráticos.

Quando nós confessamos, sem reboços, o nosso divisionismo e o julgamos fenómeno inevitável dentro do condicionalismo da época presente, apenas queremos significar com isso, que, sendo as mesmas as finalidades dos oposicionistas—servir o povo português mercê do acréscimo da produtividade nacional e do aperfeiçoamento da justiça social—, eles divergem contudo quanto aos métodos para atingi-las e quanto á velocidade a imprimir ao fenómeno, sempre com vulneração dos princípios básicos da Democracia. E sentem, por outro lado, que só poderão homogeneizar os seus pensamentos, se tiverem tribunais para definirem os seus propósitos e se puderem desencadear a controvérsia em torno deles, por tal forma que os espíritos se esclareçam e corrijam os naturais defeitos das concepções criadoras individuais. O tal divisionismo é, pois, meramente processual, porque está recoberto uma unidade real de intenções!

Eis por que desejamos essencialmente duas coisas: enviar uns tantos representantes á Assembleia Legislativa, para termos á nossa disposição a mais alta tribuna do País, e obter que se

dê por finda a Censura prévia, para se efectuar o ajustamento de concepções aparentadas.

Como será possível, santo Deus, transformar a primeira destas aspirações em sinal premonitor da catástrofe que todos os Portugueses de boa lei temem e desejam portanto evitar? Acaso suporão eles que a voz dos deputados oposicionistas terá a força destruidora das vibrações sonoras da trombeta de Josué e que o Sol se resignará a imobilizar-se á sua ordem, até que as falanges dos adversários consigam apoderar-se da cidadela do regime, após o miraculoso desabar das suas muralhas? Se não é assim, porque é que a vitória, ainda que integral, das candidaturas oposicionistas poderá ser cantada e decantada nos comícios unionistas como algo de «horrendo, fero, ingente e temeroso»?

Muito pouca, quando menos na aparência, parece ser a confiança das altas esferas governativas nos predicados parlamentares dos candidatos governamentais, para que se não encarem tranquilamente os seus possíveis embates futuros com representantes da oposição. Sou o primeiro a confessar que tal receio é uma injúria gratuita para certo numero dessas personalidades situacionistas, que honrariam qualquer parlamento deste mundo de Cristo. Mas, se o temor não provém de dúvidas sobre o merecimento desses homens, mas sim sobre o dos princípios fundamentais do regime e sobre o da actividade funcional da máquina administrativa, já se torna compreensível o mórbido prazer com que se investe contra os democratas, que se deixaram candidatar para a tarefa honrosa, mas pouco apetecível, de deputados da nação.

Explicar-se-ia assim igualmente a tácita recusa oposta pela União Nacional á proposta dos candidatos oposicionistas para que um ou dois dentre eles pudessem dizer de sua justiça nos comícios situacionistas, com reciprocidade, está bem de ver. Apenas um ilustre orador do regime aludiu ao caso em vibrante reunião alentejana, proclamando nessa ocasião a desnecessidade deste intercambio de modos de ver, visto como os candidatos unionistas se encarregariam de carrear para os seus comícios os argumentos dos adversários e de os pulverizar com mão de mestre! Está-se vendo a sôbria verdade e a requintada elegância com que o têm feito!

Com a devida vénia, vou enunciar, para uso dos oradores situacionistas, umas tantas regras a que devam subordinar-se nos discursos, se quiserem impressionar o País: obedeçam sempre aos ditames da sua inteligência e da sua afectividade, bem como aos preceitos da moral cristã, sem se deixarem influenciar pelas inspirações do seu interesse ou do seu fanatismo; sejam sinceros, em vez de deformarem propositalmente a verdade; não substituam as razões, que convencem, pelos sarcasmos, que de momento talvez façam rir os que os escutam, mas apenas conseguem aflorar as camadas corticais dos seus espíritos. Só uma transparente, uma cristalina sinceridade tem na realidade o condão de criar um campo de forças magnético, com a potencialidade suficiente para orientar no mesmo sentido e em direcção ao mesmo ponto os imãs escondidos nas consciências individuais.

Como poderá, por exemplo, certo orador dum comício bragantino acreditar que o tomem a sério, quando assevera que o regime vigente respeita ciosamente «as liberdades práticas» dos cidadãos, tais como a liberdade de opinião, sem a pressão da plutocracia, e «a liberdade de reunião, sem preparação insurreccional», se todos nós sabemos, de ciência certa, que a plutocracia domina em Portugal, que o direito de reunião é inexistente para os adversários e que fundamentalmente só existe entre nós uma liberdade efectiva, essa ilimitada—á de concordar com os governantes?

Como poderá conceber-se que alguém, partidário ou discordante do regime, se não sorria do farisaísmo de afirmações tais como a de que as eleições do passado têm sido modelos de decência e de civismo?

Como poderá supor-se que são sinceros os protestos situacionistas contra a tese dos adversários de que a mecânica do regime favorece a imoralidade, quando estão na ordem do dia os desfalques e escândalos de toda a ordem, a corrupção e, como remate, a hipocrisia—vai-se de manhã á missa e frequentam-se á noite diversões de tipo cascaliano?

Como poderá admitir-se que alguém manifeste acessibilidade ao postulado situacionista de que á violência da rua, anónima e infelizmente não reprimida com severidade no passado, não sucedeu a violência identificável, mas irresponsável, do Poder, apoiada nas baionetas, nas espingardas, nas metralhadoras, nos canhões, nos «tanks» e nos aviões da Força Pública, sendo o regime, ao invés, modelo de evangélica docura?

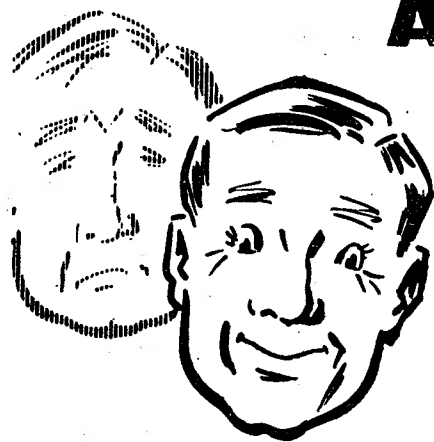
Como poderá sustentar-se que na base da Situação esteja a fidelidade aos princípios superiores da moral cristã, quando é certo que a verdade, a justiça, a virtude, a beleza e a bondade, supremos atributos de Deus, segundo essa moral, andam ausentes dos procedimentos governativos?

(Continua na página seguinte)

Manuel Nunes Gouveia
CIRURGIÃO DENTISTA

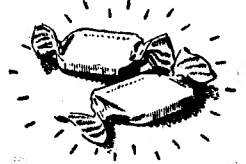
Retomou a clínica

R. S. João da Praça, 114, 1.º



AZIA?

As Rennie
dão-lhe
alívio
instantâneo



PASTILHAS
RENNIE

Ao primeiro sinal de Azia, chupe 2 Rennies. Contém uma combinação de ingredientes anti-ácidos que, a saliva leva directamente ao estômago. As Rennies suprimem o sofrimento e desconforto. Se não obtiver alívio com as Rennies, procure o seu médico.

À venda nas farmácias em pacotes de 100 e 25.

Um cálculo sobre o nível de vida em Portugal

estabelecido num estudo do eng.º Cunha Leal

3 - Um parêntesis para falar do meu sistemático espírito de oposição

(Continuação da página anterior)

Em face do exposto, compreende-se perfeitamente que homens eminentes, como alguns que a União Nacional vai levar à Câmara dos Deputados, cheguem a temer a palavra de mi-séros oradores, como eu, e que um diário da Capital, a propósito da minha palestra no Rádio Club Português, tivesse recomendado aos situacionistas que se não deixassem influenciar por ela, tendo em atenção que pertencem à raça dos opositores sistemáticos.

Estas considerações merecem resposta. Sim, ainda moço, na vigência da monarquia constitucional, fui um dos que se incorporaram na avalanche oposicionista, porque o regime mergulhara o povo português em «apagada e vil tristeza» e se mostrava impotente para modificar este estado de coisas. Ora hoje todos lhe assacam os mesmos vícios funcionais, então reconhecidos por mim e por um volumoso sector da colectividade nacional.

Continuarei a ser oposicionista nos primeiros tempos da república, porque, havendo sido talvez prematuro o seu advento, os novos dirigentes não tinham sabido estruturar o regime de acordo com uma firme orientação de justiça social e porque, apesar do inegável brilho da administração financeira de Afonso Costa, tinham ferido os sentimentos católicos da generalidade dos portugueses e dificultado assim a nacionalização das instituições nascentes. Ora não deve ser por este motivo que os situacionistas me atirem pedradas.

Dei, porém, o meu inteiro aplauso aos governantes, quando decidiram a entrada de Portugal na primeira Grande Guerra, após o tratado de ataque tónico ao território anglo-saxónico e a germanica Damaralandia, ataque que rematou com a nossa derrota em Naulila, não obstante os esforços heroicos do comandante Afonso Cerqueira, dos tenentes Humberto de Ataíde e Francisco Xavier da Cunha Aragão e de tantos outros para mudarem a sorte da batalha. Dessa vez não fui oposicionista, com que tenham autoridade moral para me censurarem por isso os que mais tarde, no decurso da segunda Grande Guerra, segundo a incisiva afirmação do general Raul Esteves, encarregaram os australianos de nos oferecerem em bandeja de prata uma parte do território português do Ultramar, de que se haviam apoderado os japoneses.

Veltei a situação de oposicionista durante a era sidonista, por isso que o regime de deixara resvalar para violências liberticidas e brutais, asfaltando dois jornais portugueses — «A Manhã» e «O Norte» —, não castigando, como devia, a fúria assassina dos organizadores da «Leva da Morte» e flagelando com maus tratos, pela primeira vez depois do mísero... os adversários políticos que avertissem a desgra-

ça de cair nas garras dum organismo policial, autêntico pano de amostra da actual Polícia de Vigilância e Defesa do Estado. Se, por essa atitude de irreducibilidade com tais processos, alguém ousar vituperar-me, responder-lhe-ia que ela constitui para mim um brasão de glória.

Persisti nesse ritmo oposicionista, quando depois de Monsanto, o Partido Democrático, se transformara de facto em Partido Único, impedindo assim o funcionamento normal da democracia, esgotando a capacidade administrativa dos seus quadros e tornando-os inaptos para a tarefa de conversão da economia do tempo de guerra para a de tempo de paz. Gerou-se por esta forma um período de instabilidade e de confusão, de exaustão de liberdades individuais e de anemização da autoridade dos Poderes Públicos. Episódios trágicos, como o da noite de 19 de Outubro de 1921, em que a fidelidade aos princípios sagrados da honradez e lealdade portuguesa, até e sobretudo para com os adversários, fez correr o meu sangue e não o dos que me acusam agora com tanta deslealdade, são ainda hoje nódoas negras na história da República.

Quem estava, porém, por detrás dos assassinatos de há 32 anos? Quem os incitava? Quem pagava agentes provocadores de deflagrações tumultuosas, dos naturais descontentamentos do operariado português? Seriam acaso os que, após o triunfo do bem intencionado movimento do «28 de Maio», conseguiram infiltrar-se no campo dos vencedores e paulatinamente se foram apoderando do Poder, para converterem os abusos de liberdade em abusos de autoridade, de que os inconfidentes são agora as vítimas propiciatárias? E esta ordem material, que hoje reina na sociedade portuguesa, não será antes a consequência de se terem arvorado em dirigentes os agitados de ontem do que a resultante da capacidade preventiva e repressiva do aparelho policial do regime?

E o oposicionista continuou logicamente a ser, quando a Nova Ordem se fundamentou sobre uma doutrina liberticida e endeusadora e se sacrificaram os adversários ao mito absovente do Estado. Como se a vida em sociedade não fosse concedida para possibilitar a felicidade de todos os seres de carne e osso, e não apenas a dos clientes do Poder e a duma pessoa moral, que, não sentindo, não pode sofrer!

Oposicionista eterno? Sim, por isso que a adesão incondicional a situações civis de defeitos, quando não de vícios, prefiro a liberdade de análise e de concorrer para o seu aperfeiçoamento. E' menos cómodo este papel do que o de turiferário do Poder? Certamente, mas em todo o caso tem esta grande compensação: a de poder dormir as minhas noites sem a tortura dos remorsos.

Que isto fique entendido duma vez para sempre.

zações de alta finança, mais preocupadas com as cotações dos títulos das suas ou alheias empresas, ou com o preço do carvão importado, que com a impertinência dos beneficiários doentes que desejam receber os subsídios diários de 10\$00 ou 12\$00 ou a modesta pensão de invalidez.

Retornemos, porém, às realizações materiais da Situação. Os democratas não negam a existência dessas obras, como não negam também o valor económico e social de muitas delas, porque isso seria negar a evidência. Aos desbordamentos lúricos dos incondicionais louvaminheiros dessas realizações limitam-se a opôr com flagrante sincronicidade os seguintes reparos:

1) E relativamente reduzida a fracção do sacrificado tributário do País que se investe em valores patrimoniais do Estado, reprodutivos ou não.

2) Na elaboração dos Planos de Fomento tem havido por vezes erros de concepção. Assim, por exemplo, não se seguiu o rumo mais acertado no tocante ao escalonamento, no tempo e no espaço, dos nossos aproveitamentos hidroeléctricos e a sua conjugação com a produção da energia eléctrica por meios térmicos. Por outro lado, montaram-se prematuramente indústrias, como a do fabrico de amoníaco, o que as vem forçando a paragens indesejáveis por carência de energia eléctrica, com a natural consequência de que este desfazamento encarece os actuais custos de produção, com notório prejuízo para as entidades, particulares as quais o dirigismo económico do Estado impõe a colaboração neste sector da actividade económica.

3) Certas dotações, como as destinadas à nacionalização da indústria ferroviária, são manifestamente insuficientes e não guardam proporção com as verbas a investir noutros sectores da economia nacional.

4) Certas obras de fachada seriam absolutamente dispensáveis e apenas revelam propósitos de exibicionismo.

5) As deficiências, aliás compreensíveis, da técnica nacional têm encarecido desnecessariamente as realizações da política de fomento, sendo certo que esse mal se vem atenuando com o decorrer do tempo.

6) Para levar a cabo os seus empreendimentos, o Estado tem feito a sucção de grande parte do rendimento nacional através do imposto, do empréstimo e ainda da mobilização dos recursos de certos órgãos da mecânica corporativa, deixando livre nas mãos do publico uma parcela desse rendimento mais reduzida do que aquela que, em regime capitalista, seria necessária para que houvesse equilíbrio entre os investimentos estatais e privados, sendo para notar que, dentro desse regime, os primeiros tão sómente visam a possibilitar os segundos. E, como, além disso, a repartição excepcionalmente irregular do rendimento nacional o acumula de preferência em mãos de poucas pessoas e algumas delas são avessas a modificações na nossa organica industrial, agrava-se assim o fenómeno que venho de apontar.

Este é o ponto de vista genérico dos adversários do regime. Onde está o facciosismo destas afirmações? Porventura as mesmas duvidas e inquietações não terão aflorado ao espirito dos marchais do situacionismo? A tal respeito é bom consultar os pareceres da Assembleia Legislativa sobre as contas publicas.

Tampouco andamos em conflito com a verdade, quando sustentamos que uma autêntica epidemia de desfalques e imoralismo desorienta a sociedade portuguesa. Para demonstração deste asserto; basta prestar atenção às crónicas diárias da Imprensa, sendo certo que muitos factos delituosos ou reprováveis escapam à publicidade.

Querárgi isto significar que o vício se tenha situado exclusivamente no campo adverso e a virtude se tenha refugiado no nosso? Não. Os seres humanos, sejam quais forem os seus ideais políticos, são solicitados simultaneamente pelas forças do mal e pelas forças do bem. Estas ultimas conseguem predominar em muita gente, sem dependência do receio das penalidades em que possam incorrer por mór dos seus desvios morais, penalidades entre as quais não é das menos coactivas a segregação do convívio social por virtude da ignominia implícita em determinados procedimentos. Mas noutras pessoas esse temor salutar é que as faz deter, quando, como cavalos desbocados, vão mergulhar no abismo.

Se se suprimir a vigilância da opinião publica, então, meu Deus, como será de estranhar que a tentação subverta muitas almas, hesitantes entre o mal e o bem? Eu sei que o situacionismo pretende que essa sua repulsa pelos procedimentos fiscalizadores representa a reacção contra uma atitude no passado, que pode consubstanciar-se na seguinte frase: todos os homens são suspeitos de desonestidade até prova em contrário. Não será, porém, igualmente condenável este outro lema de que todos os situacionistas são honrados, mesmo que se demonstre que o não são?

Explicam-se estes fenómenos pelo nosso temperamento meridional, propenso ao exagero. Ao meditar nestes problemas, ocorre-me à memória aquele saboroso final do «Port Tarascon», ultima obra da serie Tarasconesa do grande Alphonse Daudet. Um processo célebre levava toda a gente, sem excepção dos próprios

Tarasconeses, á convicção de que estes tinham o veso de empolar desmedidamente os factos, de modo a torná-los irreconhecíveis. Em face disso, resolveram emendar-se, mas, arrastados por uma predisposição congénita, passaram a ser exagerados para menos, quando, até á data, eram exagerados para mais.

Assim, tendo Tarascon escassos 5.000 habitantes, outrora, antes do maldito processo, se havia touradas, os aficionados sustentavam convictamente que a praça tinha tido concorrência superior a 50.000 pessoas. A partir do processo, passaram a asseverar com desdém que nem meia dúzia de Tarasconeses tinha assistido á função. No nosso caso particular, a suspicacia nacional lançava o lafeu de desonestidade sobre todos os políticos, até os mais virtuosos, mas agora são todos modelos de honradez, ainda quando apodrecidos de vícios e de crimes.

Haverá nestas minhas afirmações qualquer deformação, ainda que involuntária, da verdade? Haverá jacobinismo na minhas considerações sobre o metamorfismo da Capital do país em Capital dos Congressos? Resultarão desta ultima rounstancia, para o turismo nacional, proveitos compensadores da revolta provocada entre o comum dos portugueses por essa congressomania, geradora de desperdícios?

As respostas a estas interrogações, aquelas, pelo menos, que sairão de boca de oradores tonitruintes, sarcásticos ou fanáticos, sei antecipadamente quais possam ser. Mas todos eles, quando na intimidade das suas consciências, sem espectadores ou dialogadores, que não sejam eles próprios, se derem ao trabalho de analisar este problema, terão de concordar comigo, estou certo disso. Não tenho a ilusão de obter deles uma confissão corajosa, visto que os homens são, por via de regra, pobres seres movidos pelos seus interesses, pelo seu orgulho e pelas suas paixões. Sei contudo que quanto mais contundentes forem os sarcasmos, ce que eles me cobrirem, mais irresistível será a sua tendência secreta para concordarem comigo.

Tenho-os de certo modo amarrados a mim pela força imane da verdade e da justiça, que — não o esqueçamos — são atributos de Deus, renegados por eles nos seus actos, embora confessados com palavras carentes de sinceridade. Sorriu-me da sua pretensão de que não temem nem o desabar dos muralhões de contenção, edificadas para represamento de naturais aspirações e legítimos descontentamentos da grei, nem tampouco o transbordar altaneiro e impetuoso destas insatisfações. O fenómeno, sob qualquer destes dgs aspectos é tão fatal como o destino. Eu é que me não regozijo com a antevisão duma catástrofe de tão ingentes proporções.

A bem de todos os portugueses, o que de melhor poderia acontecer seria a eleição de uns tantos deputados oposicionistas, dotados da energia e fogo sagrado necessários e suficientes para levarem os dirigentes estatais á convicção de que se lhes impunha arrepiar caminho e enveredar pela estrada ampla do convívio e concórdia nacionais.

Está, porém, arredada tal hipótese. Que se lhe há-de fazer?

5 - Concluindo: Convidei situacionistas e oposicionistas na minha palestra no «Rádio Club Português» a modificar a sua attitude de intransigência com a antecipada certeza — repito — de que esta proposta quixotesca haveria de ser repelida á gargalhada. E está-o sendo, como eu calculava, muito embora a procissão ainda agora vá ro meio.

Tenta-se assim levantar animos porventura abalados. Cumulam-me de defeitos, que não tenho, mas não me apontam outros, que reconheço, pedindo a Deus, diátria e humildemente, que me liberte deles. Mas, ainda que eu fosse o homem instável, que querem ver em mim, em que é que isso diminuiria a verdade dos meus assertos? Porventura a mentira involuntária na boca do homem justo se transformará em verdade e a verdade accidental na boca do homem pecaminoso se transmutará em mentira? E a circunstancia de preferirem combater o homem a destruir os seus argumentos não será a prova provada dos erros ideológicos do regime?

O drama, de que as suas consciências são o miserando palco, obriga-os a cabriolas e contorcionismos de circo, de que saem suarentos e transtornados. Estaremos condenados a continuar sendo os habitantes da «fermosa estriaria», decantada há séculos pelo Cavaleiro de Oliveira? Querem passar a vida a vociferar-nos o «crê ou morres» do maometismo?

Pois fiquem-no sabendo: preferimos morrer a orar á força.

CUNHA LEAL

Comandante Moreira de Campos

No Hospital de Marinha, continua internado, desde há dias, o sr. comandante Moreira de Campos, candidato a deputado na lista oposicionista de Lisboa. O doente, cujo estado tem melhorado, ainda não recebe visitas.

O tempo e a agricultura

Chuva benéfica

PAÇO DE SOUSA, 26—Voltou, novamente, a almejada chuva. Tem caído torrencialmente, acompanhada de descida de temperatura. Os lavradores estão satisfeitos com as actuais condições atmosféricas.

Dr. José Oliveira Pinto
Retomou a clínica

4 - A pretensa má fé dos oposicionistas na apreciação das bemfeitorias do regime e da sua moralidade

Recordo-me de que, tendo discutido em tempos no Parlamento as propostas de determinado ministro das Finanças, o seu chefe de gabinete, deputado como eu, veio no dia seguinte asseverar em alta grita que o meu ataque era o fruto de sugestões da Rua dos Capelistas, que não queria abrir os seus cofres.

Como nunca tive vocação para martírios do tipo do de S. Sebastião, retorqui-lhe com a vivacidade característica dos meus tempos de mocidade que a sua objurgatória era mais do que um disparate, porque era uma calúnia, sendo apenas explicável que reconhesse ao insulto quem tivesse má índole e estivesse carecido de razões. Em meu entender, propostas de finanças, visando fundas alterações na mecânica tributária, careciam de estudo sério no Parlamento e da sua libérrima discussão na Imprensa e em todas as tribunas, especialmente nas das associações de classe. Quando a generalidade dos Portugueses tivesse dado o seu assentimento a um plano tributário criterioso, então pouco importaria que houvesse na Rua dos Capelistas quem teimosamente se recusasse a abrir as suas burras, porquanto, se tanto fosse necessário, elas seriam forçadas com o auxílio da Guarda Republicana.

Logo esta ultima afirmação foi maliciosamente destacada dos seus antecedentes, para me apresentarem como demagogo sem freio. De aliado dos grã-senhores da Rua dos Capelistas passei á categoria de seu assaltante! Que se lhe há-de fazer se assim se escreve a história!

Transcorreram os anos, muitos anos, e hoje o que é que se observa? Não se diz que se vão assaltar os cofres dos argentários, mas a nação está tristemente resignada a não ser tida, nem havida para a fixação da canga tributária, que há-de suportar. Todas as suas legítimas velocidades de protesto se esvaem com receio da acção compressiva e repressiva dos órgãos de defesa do Estado. Estabelece-se um silêncio sepulchral de Norte a Sul do País!

Governar assim é facilímo. Não há que proporcionar as despesas publicas á real capacidade tributária do agregado. Basta ir espremendo cada vez com mais força o limão nacional, enquanto tiver suco. Podem contentar-se assim os apétitos insaciáveis das clientelas do regime. E a pobre nação que não tija, nem muja, visto que «quem manda manda bem»!

Deste modo, a produtividade global dos impostos directos e indirectos, desde a gerência

de 1925-26 até ao ano económico de 1952, foi multiplicada pelo factor 4,13. Se apenas fixarmos a nossa atenção no sector dos impostos indirectos, vemos que eles se tornaram 4,28 vezes maiores e que este numero é bem mais elevado do que o coeficiente representativo da depreciação da moeda no mesmo intervalo.

Assim, pois, a sobrecarga tributária do orçamento ordinário, relativamente ao ano económico anterior ao «28 de Maio», deve ultrapassar a soma, para nós astronómica, de 30 milhões de contos, de que nem a terça parte foi devolvida á Nação sob a forma de obras publicas de fachada e de fomento.

Mas isto não é nada. É que ao lado do aparelho burocrático do Estado criou-se o aparelho burocrático do regime corporativo, com pessoal não submetido ás regras de admissão e promoção do funcionalismo publico e á acção moralizadora dos órgãos normais de fiscalização. Ora em 1952 as despesas globais dos organismos corporativos, adicionadas ás dos órgãos de coordenação económica, excederam as despesas do orçamento ordinário desse mesmo ano.

A medida do sacrificio do País, em 26 anos de vigência da Nova Ordem, já não pode, pois, avaliar-se por aquela verba de 30 milhões de contos, que á primeira vista se nos afigurava alucinante. Conjugue-se esta circunstancia com o facto de o valor nominal dos salários não ter acompanhado a depreciação do escudo e reconhecer-se-á que o nível de vida da classe operária e da pequena burguesia desceu, em vez de subir, como asseveram os panegiristas do regime.

Um exemplo bastará para demonstrar a verdade desta minha conclusão. A páginas 37 do Relatório e Contas do exercicio de 1952 da «Caixa de Previdência dos Técnicos e Operários Metalúrgicos e Metal-Mecânicos», que tem 71.298 associados, lê-se textualmente o seguinte: «que a grande maioria dos beneficiários da Caixa (86,5 %) tem vencimento inferior a Esc. 1.000\$00, dos quais 45,5 % têm vencimento mensal inferior a 500\$00!»

Dir-se-á, porém, que, ao menos as Caixas de Previdência têm, em relação ao operariado, uma acção benéfica e, sob certo aspecto, compensadora. A esse respeito leia-se o que sobre estas instituições escreveu no n.º 6 do Boletim do Instituto dos Actuários Portugueses, o dr. António Baião: «...Tornadas potentíssimas organi-

Publicações

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Apareceu no mercado mais um fascículo, o n.º 328 da série, desta magnífica publicação de cultura e de informação a que a Editorial Enciclopédia, Lda., da Rua António Maria Cardoso, 33, em Lisboa, meteu ombros. Tornava-se necessário que os estudiosos portugueses e brasileiros dispusessem de uma fonte actualizada de consulta, papel que esta obra veio desempenhar do modo mais eficiente. De facto a sua já proverbial pontualidade junta o rigor do interesse e da actualidade.

E' de elementar justiça salientar o excepcional interesse do fascículo, em que, pela força da alfabetização aparecem artigos tão notáveis e interessantes como: sem-fim, semidiametro, semiduplex, semi-lunar, seminário, semicircular, semiotica, semipelagianismo, Semiramis, semita, semitico, semitismo, semivagal, sempre, Sena, senado, Sena Freitas, Sendim, sene, Séneca, Senegal, senescal, senhor, Senhora da Hora, senhora, Senhorim, senilidade, seno, sensação, sensacionismo, sensibilidade, etc.

A bem da cultura, felizmente, longe vai o tempo em que obras desta importância eram privilégio de uns tantos mais afortunados. Hoje, o estudioso de mais modestos recursos poderá ter na sua estante para seu deleite no manuseio diário este manancial de conhecimentos, visto que a Editorial Enciclopédia, Lda., além de manter os preços de sempre, faculta, mediante pagamentos suaves, os volumes já publicados, o que faz com que só não o possua quem viver completamente alheado dos problemas intelectuais e de cultura.

Revista Militar

Acaba de ser publicado o fascículo n.º 8-9, da «Revista Militar», referente aos meses de Agosto-Setembro, cujo sumário é o seguinte: «Justiça Militar—O Foro Militar e os Reformados», pelo general Luis António de Carvalho Viegas; «Draga-minas Ponta Delgada»; «Alguns Serviços na Organiza Americana» (continuação), pelo major Araújo e Silva; «Os novos Chefes das Forças Armadas Americanas», pelo brigadeiro D. Ruy da Cunha Meneses; «Planos de Mobilização Económica», pelo capitão Vasco Martins; página gráfica de actualidade militar; crónicas militares do Brasil naval e desportiva; bibliografia e boletim bibliográfico.

Atomo

Está publicado o n.º 69 de «Atomo», referente ao mês de Setembro, o qual continua a apresentar o mesmo aspecto gráfico e escolhida colaboração. Do seu sumário destacam-se os seguintes artigos: «A conquista das alturas e dos abismos...», pelo prof. dr. C. Beirão da Veiga; «Quando se desvendará o mistério do medicamento que cura a artrite reumatóide?», «A tuberculose bovina — uma das fontes da tuberculose humana», pelo dr. Manuel Lema Monteiro; «A contabilidade e o cinema», pelo prof. Martins Noel Monteiro; «Piccard — o homem dos extremos opostos»; «O desporto na história da humanidade», pelo dr. Salazar Carreira; e, ainda, as secções de Inglês-Português, Teatro, Artes Plásticas, Filatelia e consultório.

Lisboa, Lisbon, Lisbonne

Acaba de ser posta á venda, com excelente apresentação gráfica, a 3.ª edição da publicação trilingue—portuguesa, inglesa e francesa—«Lisboa, Lisbon, Lisbonne», editada pela Câmara Municipal de Lisboa. A publicação que insere uma saudação do presidente, senhor tenente-coronel Alvaro de Salvação Barreto, é coordenada pela Direcção dos Serviços Centrais e culturais sendo o texto do dr. António Rodrigues Cavalheiro e a orientação gráfica e desenhos de José Espinho. Tem a valorizada fotografia de Horácio Novais, Mário Novais, A. Castelo Branco, Matos Sequeira, Amadeu Ferrari, Tomás de Melo e José Espinho.

Guias Caminhos de Ferro e Camionagem

Recebemos o «Guia Geral de Caminhos de Ferro, Aviação, etc.» e o «Guia Geral de Camionagem e Turismo», editados pela Financal, da Rua Passos Manuel, 134, 1.ª, Porto. Como no corrente mês houve bastantes alterações nos horários de transportes, aquela casa remeterá o «Guia Geral de Caminhos de Ferro, Aviação, etc.», às pessoas que enviarem 1500 em selos para despesas de expediente e porte.

Imprensa Médica

Dentro da regularidade que lhe é peculiar, foi publicado mais um numero, o de Outubro, da revista «Imprensa Médica», dirigida pelo escritor e historiador dr. Augusto Esaguy, cujos colaboradores, dos mais notáveis médicos e cientistas portugueses e estrangeiros, entre eles, o prof. dr. Austregésilo, o dr. E. Sanchez Villares, o dr. Ordinal Cassiano Gomes, o dr. Jacques Pines, o dr. Fernando da Silva Correia, continuam a imprimir a esta publicação médica um prestígio inextinguível adentro da literatura científica nacional.

Única

Comemorando o 25.º aniversário de publicação, a revista «Única», da Bahia, editou um numero especial com colaboração de Plínio Salgado, Hernani de Lencastre, Jorge Ramos, dr. Luis de Almeida e outros publicistas brasileiros e portugueses.

APRENDA A DANÇAR

Lições á hora com professoras—Machado Das 11 ás 23 horas. Rua Capelo, 5, 2.º, Dt.º (ao Chiado).

Teatro e Cinema

Atrás do reposteiro

A companhia Alves da Cunha é constituída pelos artistas Berta de Bivar, Maria Paula, Humilta de Macedo, Cecília Guimarães, Rita Reis, Alves da Cunha, Luis de Campos, Joaquim Miranda, António Sarmiento e Carlos José Teixeira.

—O maestro-compositor Carlos Dias foi convidado pelo ilusionista Richardi Jr. a seguir como director musical dos seus espectáculos na digressão que vai efectuar ao Congo Bilga e África do Sul.

—Recomeçaram no Monumental os ensaios de musica da opereta «Maria da Fonte».

—A companhia do Teatro Monumental, que se encontra no Teatro Rivoli do Porto, vai a Braga representar a comédia «Ela não gostava do patrão».

—As figuras masculinas da farsa «O Pato», em ensaios no Teatro Variedades, tem a seguinte distribuição: «Pinchard», Vasco Santana; «Vatelina», Ribeirinho; «Mister Morris», Costinha; «Pontagnac», Henrique Santana; «Redillon», Artur Semedo; «Gerente do hotel», Mário Pedro; «Jerónimo», Holbeche Bastos; «Comissário», Baltasar de Azevedo.

—A actriz Dulce de Oliveira está indicada para seguir para o Porto, á frente dum conjunto de artistas de variedades.

—O empresário Vasco Morgado estuda a possibilidade de manter com carácter permanente uma companhia no Porto, dado o elevado numero de artistas que tem contratados.

—E' no Cartaxo que termina a digressão pela Província do Circo Mariano.

—Regressou do Porto o empresário Alberto Barbosa, que vai começar os trabalhos preparativos da reabertura do Teatro Apolo.

—Continuam suspensos os ensaios do «balé» organizado por Eva Stachino, para uma digressão a Espanha, constando que foi encerrada a hipótese da sua dissolução.

—Os artistas Mimi Gaspar e Tomé de Barros Queirós foram convidados para fazer parte de uma companhia em organização para uma «tournée» a África.

Ópera em S. Carlos

«Tá Mar», de Rui Coelho

«Tá Mar», a ópera de Rui Coelho que o publico já há anos não ouve, vai ser cantada em S. Carlos, sob a direcção do autor, por um elenco de cantores nacionais. Muitas das suas páginas foram, porém, revividas, no Teatro dos Campos Elísios, em Paris, sob a direcção do autor, com Elsa Penchi Levy e José Rosa e a Orquestra Sinfónica de Paris; Em Madrid, também sob a direcção do autor e com a Orquestra Sinfónica Nacional, foram interpretadas as cenas da «Tempestade» e «Final»; No Coliseu com a Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida pelo maestro Ruy Coelho, foram apresentadas as três cenas finais, e no Tivoli, pelo maestro Clemens Krauss, com a Orquestra Bamberg, a mesma cena da «Tempestade» e «Final», sem contar com audições em diversos concertos sinfónicos.

Estes são os factos que impõem que a ópera «Tá-Mar» se ouça agora completa.

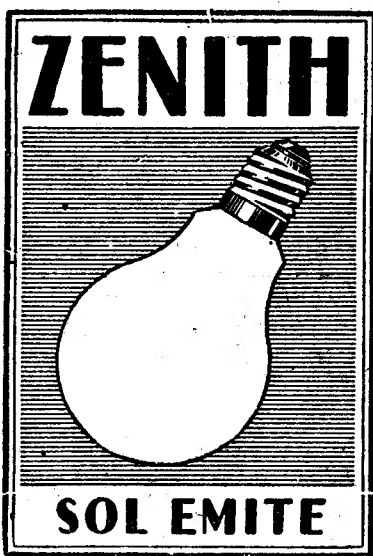
Primeiras exhibições

«Rainha sem reino», no Eden

Só hoje nos podemos referir ao filme que se está a exhibir no Eden, uma graciosa comédia de costumes americanos, que, aliás, se vão estendendo por todo o Mundo. É o caso de duas meninas que se sentem atraídas pelos encantos da vida militar, mas que se desencantam ao ter de varrer as camaratas e de descascar as batatas. E acontece ainda que há militares que são demasiado mavoricos, na rigidez da disciplina ou na obrigação do bom soldado não ser indiferente aos encantos femininos. E acontecem coisas extraordinárias que o leitor pode supor mas que no filme são excedidas pela fantasia.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Da Direcção Geral de Assistência, assinado pelo seu director, sr. dr. Agostinho Pires, recebemos um officio de agradecimentos pela colaboração prestada pelo nosso jornal á Conferência Internacional da Família. Registamos penhoradamente, os termos desse agradecimento.



tasia do argumentista e pela audácia do realizador e sobretudo, pelos encantos de tão excelentes actrizes como Rosalind Russell e Marie Wilson, e tão bons actores como Paul Lucas e William Ching. O fundo, por assim dizer musical, das gargalhadas que acompanham o filme, com explosões em muitos momentos, diz do êxito, melhor que tudo que pudessemos escrever a seu favor. Em tempos tão marciais, e com os ventos que sopram por todo o Mundo, é agradável por assim num quartel, ao abrigo da tempestade ou, pelo menos, trocando-a pelo niso.

Complementos á altura do Eden, bons e variados.—Visor 60.

Cinema cultural

A apresentação do «Othello» pelo A. B. C. Cine-Clube

Está marcada para amanhã, ás 18 e 30, a 23.ª sessão de cinema cultural promovida pelo A. B. C. Cine-Clube de Lisboa que, dentro do Ciclo Shakespeare, apresentará «Othello», na discutida versão de Orson Welles.

A abrir a sessão, o crítico cinematográfico dr. Domingos Mascarenhas dirá algumas palavras.

«Matinéas» clássicas no Tivoli

Hoje, ás 13 e 15, exhibe-se «Maria Candelaria», obra-prima do Cinema Mundial, e no próximo domingo de manhã, ás 11 horas, realiza-se a 3.ª «Matinée Clássica Privada» para sócios e convidados, exhibindo-se «Entre Sabado e Domingo», escolhido dentre a série de filmes cedidos pelas cinematecas estrangeiras.

Um espectáculo

que assombra Lisboa!

Hoje e todas as noites, as maiores atracções do Mundo da Nova Companhia de Circo, no Coliseu. Quinta-feira «matinée»



Está a dar os seus ultimos espectáculos, no Coliseu, a Nova Companhia de Circo, que ali se apresenta com grande entusiasmo e delírio de todo o publico. Hoje, e todas as noites, os mais arrojados voadores do MMundi, as esculturais Hartly's Air Ballet, em escadas verticais e trapézio, força dental, equilibrio em escadas, malabarismo, dois manipuladores, os cães do professor Galindo, baile acrobático, duas parelhas de palhaços originalissimos, um espectáculo, enfim, que emociona e faz rir, a preços populares. Quinta-feira, «matinée» ás 16 horas, em que todas as crianças até aos 10 anos, quando acompanhadas, têm entrada gratuita.

Vida musical

Frederico de Freitas

Regressou do Porto, onde esteve cerca de quatro anos a reger a Orquestra Sinfónica daquela cidade, na qualidade de equiparado a bolseiro pelo Instituto de Alta Cultura, o maestro Frederico de Freitas, que de novo veio reassumir em Lisboa as suas funções officiais de professor e director de orquestra da Emissora Nacional.

A obra realizada naquela cidade por Frederico de Freitas foi notavel—assim o afirma a Imprensa nortenha—não só pelo alto nivel artistico a que fez ascender a orquestra, como também pelo volume da expansão alcançada, uma e outra sem precedente.

O numero de concertos elevou-se a cento e vinte e quatro, tendo-se tocado cerca de setecentas obras, das quais noventa e sete em primeira audição, sessenta e três de autores portugueses e catorze em estreia mundial.

Os admiradores de Frederico de Freitas podem ouvi-lo esta noite, visto que, ás 21 e 45, regerá a Orquestra Sinfónica Nacional em programma retransmitido do estudio e que consta de «Sinfonia» n.º 7 de Beethoven, «Concerto» para piano de Grieg e «Rapsódia Espanhola» de Ravel, sendo solista a jovem pianista portuense Fernanda Firmino.

Centro de Estudos Gregorianos de Lisboa

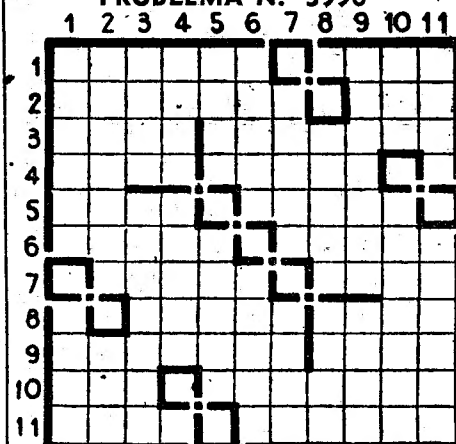
Reabriu, como se sabe, o Centro de Estudos Gregorianos de Lisboa que se propõe desenvolver no nosso País o culto da musica sacra. Pio XII enviou uma carta á directora daquele centro na qual lhe concede á todos os seus colaboradores a benção apostólica, louvando-a e animando-a a resca actividade tão querida do seu coração. Este documento foi comunicado na abertura do ano lectivo deste centro, em que proferiu a lição de abertura a sr.ª D. Julia de Almendra.

Sociedade de Concertos de Lisboa

Na Sociedade de Concertos de Lisboa está aberta a assinatura para novos e antigos sócios. O programa dos oito concertos pode considerar-se dos de maior valor dos ultimos tempos. Alguns nomes como Edwin Fischer, Roberto Benzi, Erlih, Tortelier, Remoortel, e a Orquestra de Camara de Berlim, dão testemunho da categoria dos artistas que na próxima época se podem ouvir no São Luis, onde o traço é de passeio, e os concertos á hora mais conveniente, ás 18 e 30.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 3990



HORIZONTAIS: 1—Será possível. Rio que passa em Alcaçer do Sal. 2—Tecto arqueado. Haver. 3—Ligar. Impostura. 4—Bato. Criador. 5—Cidade da Abissínia, que já foi a capital deste país e é hoje a sua cidade santa. Enxugar. 6—Montões. Curen. 7—Tarefas. Amofino. 8—Espécie de enguia. Amarrar. 9—Descascar. Direito de recusar. 10—Reza. Detestáveis. 11—Rente. Adornar.

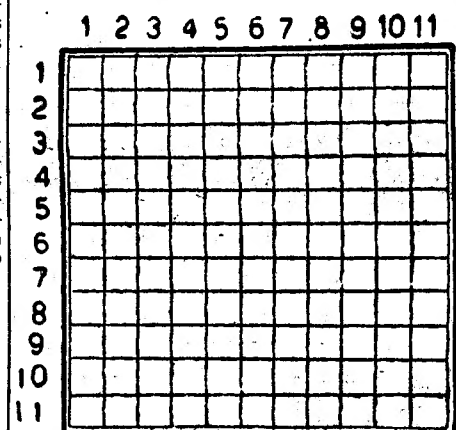
VERTICAIS: 1—Riscar. Objectar. 2—Desprezível. Epoca. 3—Nome de um algarismo. Guarda-sois. 4—Rio de Espanha, que nasce nos montes Cantabros e desagua no Mediterraneo. Nome de mulher. 5—Folhagem. Saburra. 6—Despedida. Sonido. 7—Pelo contrário. Partir. 8—Tanger. Rio de Inglaterra, que banha Bristol. 9—Arremessar. Hirta. 10—Tempo do verbo dar. Narrar. 11—Verbal. Demorada.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3989

HORIZONTAIS: 1—Imaginário. 2—Não. Refém. 3—Co. Rugu. Pá. 4—Man. Mas. 5—Tau. Ramais. 6—Serpa. Larva. 7—Ambaca. Ria. 8—Nio. Ude. 9—Tá. Adelo. VI. 10—Fiara. Sir. 11—Mesmíssimo.

VERTICAIS: 1—Incessante. 2—Mão. Temia. 3—Ao. Garbo. Fé. 4—Upa. Ais. 5—Rum. Acudam. 6—Negar. Aderi. 7—Afinal. Ela. 8—Réu. Mar. 9—Im. Mário. Si. 10—Paiva. Vim. 11—Passageiro.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 758



HORIZONTAIS: 1 — Veículo de rodas para pessoas ou coisas. Sinto-me impellido com ardor. 2 — Pronome pessoal. Escocou-se. 3 — Redimir. Estampilhar. Reza. Góvelei. 5 — Oprimido. 1004 romanos. 6 — Tostais. No caso de. 7 — Reis. Campeão. 8 — Seguir. Oferece. Sacode. 9 — Grande quantidade. Parte do Indostão na costa O. do Decan. 10 — Preponderou. Porco. 11 — Verbais. Fecha.

VERTICAIS: 1 — Oiteiro. Espécie de nuvem. 2 — Utensilio de lavoura. Ratar. 3 — Inquietação de consciência por crime cometido. Braço de mar. 4 — Esbarrondares. Simbolo quimico do níquel. 5 — Nivelaramos. 6 — Divindade egipcia. Simbolo quimico do ouro. 7 — Preposição e artigo (pl.). Artigo definido. O mais. 8 — Acreditar. Abatimento. 9 — Debruem. Gosto. 10 — Resistis. Nota musical. 11 — Arte de ourives.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 757

HORIZONTAIS: 1 — Borra. Pedra. 2 — No. ruela. 3 — Im. Riria. Ar. 4 — Dar. Ada. Aço. 5 — Alas. Proa. 6 — Aperraram. 7 — Crer. Eden. 8 — Eis. Ema. Ota. 9 — Vã. Globo. As. 10 — Presava. 11 — Matas. Salve.

VERTICAIS: 1 — Bida. Cevem. 2 — Malária. 3 — Rn. Rapas. Pt. 4 — Ror. Ser. Grã. 5 — A'ria. Eles. 6 — Urdramos. 7 — Peia. Abas. 8 — Ega. Pré. Ova. 9 — Da. Arado. Al. 10 — Acometa. 11 — Atroa. Nasce.

Blusas Casacos

A maior colecção

TORRE EIFFEL

104 - RUA DO CARMO - 106

NOVAS ESCOLAS

ALCAÇOVAS, 25—As escolas novas que se estão construindo, dentro do Plano dos Centenários, já se encontram bastante adiantadas. O edificio, situado num dos mais airoso locais, donde se avista um vasto horizonte, é constituído por quatro salas e destina-se a um só sexo.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

Todas as noites às 21 e 45, a comédia
de OLAVO DE EÇA LEAL

A TAÇA DE OIRO

(Para adultos)

Pa'mira Bastos, Mariana Rey Monteiro, Amélia
Rey Colaço e um grandioso elenco artísticoAVENIDA 2 SESSÕES
às 20.45 e 22.45

ALDA GARRIDO

na hilariante comédia

TOMA

QUE O FILHO É TEU...

(18 anos)

Maria
Vitória

A'S 20,30 e 22,45

Saías Curtas

(ESPECTACULO PARA ADULTOS)

Leiam «O SEMPRE FIXE»

EUGÉNIO SALVADOR apresenta

EM PLENO ÊXITO

A REVISTA POPULAR

O RETUMBANTE TRIUNFO

DE UM ÓPTIMO ELENCO

com Salomé, Teresa Gomes, Humberto Ma-
deira, Máz, Maria do Carmo, Tony de Matos
e Maria José da GuiaSalomé, a triunfante vedeta de
SAIAS CURTASVASCO MORGADO
APRESENTA

seu melhor espectáculo do momento

CAVALGADA MÁGICA

COM

RICHARDI JR.

E 30 LINDAS MULHERES

NO

TEATRO MONUMENTAL

em 2 sessões, às 20,45 e 22,45

Para maiores de 13 anos

Telefone 55133

ASSUNÇÃO

Falará hoje, às 20.30, ao microfone do Rádio
Clúb, sobre a moda de penteados à la Fronde.

Helena Tavares

LUSO

Tel. 32889

Animador Filipe Pinto

Hoje—NOITE POPULAR

Fados por Helena Ta-
vares, Brígida Silva, Ade-
laide Faria, Jorge Silva,
Eduardo Janeiro e o «ás»
do riso JOAQUIM COR-
DEIRO. Solos por Ca-
marinha e Pedro Leal. — (Para adultos).

SEXTA-FEIRA

Amália

(A ALMA DO FADO)

TOME
NOTA

COMPRIMIDOS

HYPERSEX

TÓNICO MASCULINO

Alta concentração de alguns produtos
basilares, compensadores orgânicos
(não excitantes), destinados aos in-
divíduos que merecem uma vida de activi-
dade física ou mental se encontram
Esgotados, com Desequilíbrios ner-
vosos, Depauperados e Inferiorizados.
Por alimentar ALGUNS ORGÃOS
VITAIS este medicamento normaliza e
activa as suas funções e auxilia o
organismo nos casos de: Asténias,
Fosfatúrias, Inapetência e Insuficiên-
cias glandulares (tipo masculino).
Para maior garantia confirme com a
opinião do seu médico.Publicidade médica (grátis) da FAL.
Apartado 142—LISBOA

LUSO Café Salvaterra

R. da Barroca, — T. 25676

Animador Modesto Maia

Início do grande concurso

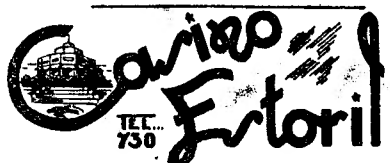
NOVOS NO FADO

com a colaboração dos me-
lhores amadores dos bairros
de Lisboa, para disputa de
3 valiosas taças, cartões de
profissionais, e outros uteis
prémios.

Na eliminatória desta noite

Modesto Maia

TOMAM PARTE 8 CONCORRENTES

HOJE — Terça-feira, 27
no «WONDER-BAR»
DEPOIS DAS 21 HORAS
JANTARES E CEIAS
BAILEcom o esplendido conjunto musical
TONY AMARALConsumo mínimo 40\$00
(Para adultos)VOLUMES DE SEGUI-
MENTO URGENTE(De qualquer estação da C. P. para
qualquer estação da C. P.)São aceites até 10 minutos antes da
partida de qualquer comboio, mesmo
dos rápidos e apenas por 10\$00.
Simples entrega, sem necessidade de
qualquer documentoLimpia
ClubeTELEFONE
20919

Em Lisboa não se fala noutra coisa!

DIFERENTE... MELHOR
SEMPRE EM FESTA!
(PARA ADULTOS)A grande atracção
da Rádio tu ça

SING SISTERS

em canções
admiráveis

O magnífico trio castiço

LOS GITANILLOS

em danças típicas

O admirável frizo coreográfico

BALLET CURRO CALLARDO

em criações de puro estilo

Acompanhamentos e musica de baile pelo CONJUNTO VILAÇA

NO RESTAURANTE: CEIAS ATÉ À MADRUGADA

MAXIME

PARA ADULTOS—O MELHOR EM TUDO
ISTO DIZ TUDO: ENCHENTESUM ÊXITO
NOTÁVEL

A escultural e formosa vedeta

MARY MERCHE

em maravilhosas canções de fama mundial

A graciosa

vedeta

ENCARNITA FLOREZ e RIERA

em danças
à guitarra

A notável

vocalista

ROSINA GRACIA

A esplendida

bailarina

TANIA MAY

WIKI VARNET, MISS ASTURIAS, ROSITA DARGEL, BEL MARY,
HERM. MONTIJO, ANTONITA CORONEL e HERM. ARILLASMusica de baile pela ORQUESTRA TROPICAL BOYS com MÁRIO DE JESUS
e CONJUNTO FERNANDO D'ALBUQUERQUE com RICARDO LUIZ

Cineclub dos Cinemas



Telef. 27172

(Para maiores de 18 anos)

A's 15.15-18.15-21.30

2.ª semana de um êxito

colossal

Escravidão

Empolgante filme francês,
com Eleonora Rossi-Drago,
Daniel Célin e Barb. Laage

EDEN

Telef. 20768

(Para maiores
de 18 anos)

A's 15.30-18.15-21.30

A MELHOR COMÉDIA

DO ANO

Rainha sem reino

com ROSALIND RUSSEL,
Paul Douglas
e Marie Wilson

Pia. 54153-Def. 54154

A's 15.15-18.15-21.30: A melhor

produção inglesa do ano

MAR CRUEL

com JACK HAWKINS, Do-
nald Sinden e Virginia
McKen

(Especial: ulu para adultos)

ODEON

Telef. 26283

A's 21 e 15

2.ª Semana de deslumbrante

filme colorido italiano

PRESTÍGIO REAL

Toda a beleza, fascínio e

mistério do Oriente (abuloso)

(Para maiores de 13 anos)



TEL. 27483

A's 21.30: Em 2.ª semana

A ILHA DO PECADO

A emocionante história dramáti-
ca, com Silvana Pampanini

(Para maiores de 18 anos)

TERRASSE O GRANDE AMOR

Jornada de Heróis

(Para maiores de 13 anos)

TIVOLI

Telefone 50595

A's 3 e 4.15 da tarde

(a preços reduzidos)

e 9.30 da noite

(Para maiores de 13 anos)

3.ª Semana

GREGORY PECK

SUSAN HAYWARD em

As neves de

Kilimanjaro

(em technicolor)



TEL. 26303

A's 15.15-18.15 e 21.30

O grande êxito de sensação

mundial

NIAGARA

(col. com a discutida vedeta

Marilyn Menros

e Joseph Cotton

(Para maiores de 18 anos)

CONDES

Telef. 55131

Para maiores de 13 anos)

A's 15.15-18.15 e 21.30

3.ª e última semana do

ÊXITO DE GARGALHADA

ROMÉO e JULIETA

com o Impagável CAN-

TINFLAS e Maria Elena

Marques



TEL. 55131

A's 15.15-18.15-21.30 (Para adultos)

O arrebatador romance da vida

mexicana

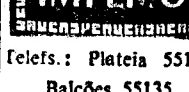
SOMBRERO

em TECHNICOLOR

com Pier Angeli, Ricardo Monta-

ban, Yvonne de Carlo, Vittorio

Gassman e Cyd Charisse



Telef.: Plateia 55134

Balcões 55135

A's 15.15-21.30

(Em últimas exhibições)

MASCARAS

DE CERA

(PARA ADULTOS)

Amanhã, estreia

MISS ITALIA

LIS

Tel. 48560

Amanhã será tarde

Um drama nos Alpes

(Para maiores de 18 anos)

CASINO

ESTORIL

A's 21.30

Casar não custa

com Frank Sinatra

(Espectáculo para adultos)

ECOS

Salinas de Moura publicou «Brasil—Ritmo de Continuidade». É uma notável conferência que fez em Luanda e que dedica ao mestre brasileiro, Gilberto Freyre.

Salinas de Moura, que é um escritor feito, cujo pensamento e a emoção se robustecem e se equilibram mutuamente, não fala nem escreve para repetir lugares comuns.

O seu espírito revela-se pelas suas belas qualidades—o brilho da linguagem e a riqueza dos conceitos. Entre os homens da sua geração, ele ocupa um lugar que lhe pertence, porque o conquistou e o merece.

São palavras suas as que seguem:

—«Portugal está presente nas páginas de ouro da História—pelo factor inconfundível da sua universalidade—como criador de um Povo novo e orgulhoso da sua grandeza física, da sua extensão ético-social de valor humano, que se projecta na vida como força nova e rica de promessas, que fala a língua dos seus antepassados, que guarda como timbre de identidade a mesma nobreza de sentimentos—«A Nação Brasileira».

Teófilo Braga, num dos seus livros mais esquecidos, o «Sistema de Sociologia», diz-nos que a razão pode esterilizar-se, se nós perdemos contacto com a realidade das cousas e nos entregamos ao culto obstinado das abstrações inexistenciais. Referindo-se a alguns escritores nossos do século XVI, entre eles o Padre Vieira, acusa-os de alheios ao espírito renovador da Europa.

Apesar da respeitosa consideração que votamos ao trabalhador infatigável da História da nossa Literatura, não concordamos com a sua opinião que nos parece sectária.

Tanto Vieira, como os seus contemporâneos, foram homens que procuraram firmar-se em princípios sólidamente demonstrados e nunca naquilo que Aristófanes chama as «Nuvens».

Vem isto a propósito de uma carta que recebemos do Brasil, onde se lê este breve trecho:

—«Os valentes que fundaram a minha Pátria eram, na sua maioria, Portugueses que souberam amoldar-se às necessidades de um imenso território em que os sonhos não tiveram cabimento».

Temos a impressão de que se engana o nosso ilustre correspondente. Cremos mesmo que nunca seria possível fundar o Brasil, se um grande sonho não animasse os fundadores. O próprio Padre Vieira, tão realista como idealista, é uma prova disso: ele nunca esteve desprevenido contra os delírios da imaginação, pois o seu pensamento mostrou-se sempre objectivo, claro, profundo e estranho às alucinações dos criadores de maravilhas astrais.

No momento presente, segundo uma velha expressão derrotista, todos nós lutamos para ficar vencidos, nas batalhas em que nos empenhamos. Os gigantes acabaram, há muitos anos. Depois deles, existe a humanidade que se bate, laboriosamente, por causas sem grandeza.

A nossa época, a tal respeito, pode servir de exemplo. Em todos os cantos do globo, os descontentes pregam a rebeldia, de rua para rua, de casa para casa, de torre para torre e de castelo contra castelo.

Que conseguimos com isso?

Confundir, embeçar e multiplicar os erros e os enganos. A civilização que, dantes, era o maior triunfo do génio humano, hoje representa simplesmente uma desertção: cada qual foge ao seu dever: ser fiel ao património comum dos mortais. Debalde os defensores dos ideais mortos e sepultados gritam que é necessário conter a derrocada.

Pode, porventura, o mal desaparecer, enquanto nós o sustentamos com as nossas próprios braços?

Quando as ruínas aumentam, como cavar os alicerces para a nova construção? Os fortes impõem a sua força, esquecendo-se de que a consciência também tem os seus direitos.

Quando os ladrões demonstram o direito de propriedade, como conseguir que esta permaneça em mãos honradas? Sendo a verdade escrava da mentira, como impedir que os justos expirem na Cruz?

Acredite minha Snr.^a

As joias da GRANDE OURIVESARIA DA MODA só lhe podem dar felicidade.

Rua da Prata, 257



O subsecretário presidindo à sessão de hoje

O primeiro aniversário da campanha

contra o analfabetismo

assinalado numa reunião que hoje se efectuou

Passa hoje o 1.º aniversário do Plano de Educação Popular. Por esse motivo, realizou-se, às 11 e 30, na sede dos Serviços Centrais da campanha, uma reunião das comissões executivas, de informação e propaganda, e dos membros do conselho administrativo, a fim de serem apreciados alguns aspectos da obra já realizada. Presidiu à reunião o subsecretário de Estado

da Educação Nacional, sr. dr. Veiga de Macedo, que se encontrava ladeado pelos srs. coronel Carlos Chaby, representante do Exército; comandante Marcos Garin, representante da Marinha; e dr. Mário Roseira, do Ministério das Corporações.

O sr. dr. Veiga de Macedo fez uma exposição versando diversos assuntos de ordem interna, ficando resolvido que, no próximo dia 3, aquele membro do Governo, se reúna com os representantes da Imprensa a fim de lhes transmitir uma pormenorizada exposição sobre toda a obra já realizada no plano de educação popular e fazer uma análise de crítica retrospectiva de toda a actividade do género que, desde 1890, se realizou no nosso País.

O subsecretário apresentou vários elementos estatísticos recolhidos pelo Ministério da Educação Nacional em relação aos últimos anos, estabelecendo a comparação com o desenvolvimento da actividade verificada no sector do ensino primário, desde os fins do século passado.

Indicou, depois, as iniciativas em projecto ou já em começo de execução, integradas na segunda fase da Campanha, na qual se prosseguirá, com o objectivo de combater o analfabetismo, mas em que se terá em especial atenção o aspecto educativo.

Os membros das diversas comissões presentes na reunião manifestaram o seu inteiro acordo com as considerações do sr. dr. Veiga de Macedo e apresentaram ainda algumas sugestões.

O subsecretário da Educação Nacional encerrou os trabalhos com um agradecimento aos representantes dos diversos departamentos ministeriais, pela contribuição que têm dado à execução do plano e afirmou a sua convicção de que os resultados do novo ano serão ainda mais animadores do que os já registados.

A obra das Missões

Do sr. D. Manuel Maria Ferreira da Silva, arcebispo de Cício, figura de alto relevo no Episcopado, recebemos estas penhorantes palavras:

«Em meu nome e da Comissão Nacional da Obra Pontifícia da Propagação da Fé, agradeço a V. toda a colaboração que nos prestou, na preparação do peditório nacional para as Missões Católicas do Ultramar Português, há pouco realizado».

Desde velhos tempos, consagramos ao abençoado e patriótico esforço das Missões no Ultramar a justa admiração que merecem. Esperamos continuar, se Deus nos der vida e saúde.

O nosso parco talento e a nossa muita consideração por tudo que signifique dedicação e sacrifício a Deus e à Pátria, não esmorecem, com o frio dos invernos e dos desgostos.

MODERNAS CONFECÇÕES

Elegantes, práticas pelos mais recentes processos americanos
Em tecidos e padrões escolhidos da ultima moda

Quarabera

SEMPRE PRONTAS A VESTIR

Avenida João XXI, 10-D

* * *

Sucursal: R. Tomás da Anunciação, 1-B

As manobra

termin
com um desfile de t
que duro

(Continuação da 1.ª página)

da Divisão tomou lugar numa viatura de comando, na qual, precedido por oficiais do seu estado-maior, passou revista às tropas. Em frente à tribuna alinhavam-se as diferentes unidades divisionárias. Primeiro, o Quartel General; à direita, os três regimentos de infantaria e, sucessivamente, o comando da artilharia divisionária, os grupos de artilharia de campanha, com um grupo de artilharia pesada e outro de artilharia antiaérea; os esquadrões de carros de combate e de reconhecimento; o batalhão de Engenharia; a companhia de Transmissões; o batalhão Sanitário e, por fim, o Quartel-Mestre.

Entretanto, na tribuna presidencial, além de vários oficiais-generais do Exército e da Armada, dos adidos militares estrangeiros e dos oficiais do S. H. A. P. E. e da missão americana, já se encontravam os srs. ministro da Defesa, bispo de Portalegre, almirantes Ortins de Betencourt, Guerreiro de Brito, Pereira da Fonseca; generais Barros Rodrigues e Costa Macedo; general americano Camm, etc.

Estas entidades foram recebidas pelos srs. subsecretário de Estado do Exército e coronel Esmeraldo de Carvalhais, do protocolo.

A chegada do chefe do Estado

Cerca das 15 horas, chegou o sr. presidente da Republica acompanhado pelo ministro do Exército, oficiais da sua Casa Militar e coronel Mário Cunha, comandante-geral da P. S. P.

Uma bateria, colocada ao Sul do campo, salvou ao chefe do Estado, misturando-se o eco dos seus vinte e um tiros com as notas vibrantes

Homenagem nos C.T.T.

a cinco funcionários
com vinte anos de serviço

nos seus cargos actuais

A hora a que o nosso jornal começa a circular, está a realizar-se, no gabinete do Correio-Mor, uma cerimónia, presidida pelo ministro das Comunicações, para aposição da Medalha de Ouro dos C. T. T. a cinco funcionários que completaram vinte anos no exercício dos seus actuais cargos. São eles os srs.: eng. Duarte Calheiros, administrador-adjunto; dr. Jorge Braga, director dos Serviços Financeiros; Ramalheira Serra, inspector-chefe; Joaquim Correia, director dos Serviços Administrativos; e eng. Rodrigues Gonçalves, chefe da Exploração Telefónica.

Após a aposição das medalhas feita pelo sr. coronel Gomes de Araújo, este membro do Governo deverá usar da palavra, bem como o correio-mor, a fim de elogiar a acção dos homenageados. Em nome destes, agradecerão os srs. eng. Duarte Calheiros e dr. Jorge Braga.

De manhã, os funcionários dos C. T. T. dependentes dos serviços dirigidos pelos homenageados ofereceram-lhes diversas lembranças, devendo realizar-se, à noite, na cantina dos C. T. T., na Praça de D. Luís, um jantar comemorativo presidido pelo correio-mor, ao qual assistirão cerca de 200 funcionários superiores da Administração Geral.

Os cinco homenageados são os primeiros colaboradores que o actual correio-mor, sr. eng. Couto dos Santos, chamou a si, quando da sua nomeação para o cargo de administrador-geral dos C. T. T.

A «velha guarda» dos telefones

vai confraternizar

No próximo sábado, realiza-se o almoço da «velha guarda», do pessoal da Companhia dos Telefones, com mais de 20 anos de serviço, tomando parte na reunião cerca de 400 pessoas. O almoço, a que presidirá o administrador-geral da Companhia, efectua-se no Pavilhão dos Desportos Náuticos, no Espelho de Água.

s militares

ram esta tarde
opas
algumas horas

do hino nacional executado pelas bandas militares.

Os clarins tocam a sentido e toda a formação p. est. ou continência ao chefe do Estado. Este, na companhia do ministro do Exército, passou revista às tropas em parada, seguindo num carro de comando, precedido por uma viatura com dois oficiais batedores e levando ao lado uma outra viatura em que seguia o comandante da Divisão.

O desfile das tropas

Após a revista, o chefe do Estado dirigiu-se para a tribuna de onde assistiu ao desfile de todas as tropas. Começou, então, a movimentar-se a grande máquina militar. Dos lugares que ocupavam em parada, vieram regimentos de Infantaria, com as suas fardas cinzentas e de capacetes metálicos, num alinhamento perfeito, impressionantes nas suas formações cerradas. Depois, a tropa apeçada dos grupos de Artilharia, de carros de combate e de reconhecimento, de engenharia, de transmissões, dos serviços sanitários e as do quartel-mestre.

Precedendo cada unidade, vinham os respectivos 1.º e 2.º comandantes. Passou em primeiro lugar, o Quartel General que, depois, se foi postar ao lado da tribuna. A seguir, tal como estavam alinhadas em parada, vieram regimentos de Infantaria, com as suas fardas cinzentas e de capacetes metálicos, num alinhamento perfeito, impressionantes nas suas formações cerradas. Depois, a tropa apeçada dos grupos de Artilharia, de carros de combate e de reconhecimento, de engenharia, de transmissões, dos serviços sanitários e as do quartel-mestre.

Em continência, as forças desfilarão perante o chefe do Estado e restantes individualidades que se encontravam na tribuna.

Depois das forças apeçadas, começaram a movimentar-se as forças motorizadas. Massas sucessivas de aço, tanques «Patton», baterias de Artilharia, carros de transporte, «jeeps» ligeiros, carros de assalto e todo o restante material que serviu durante os exercícios que a Divisão aqui efectuou, passaram ante a atenção da assistência.

Entretanto, por dezenas de altofalantes, espalhados pelo campo, o locutor ia anunciando ao público os nomes das unidades que desfilarão, sendo todas calorosamente aplaudidas. As tropas evidenciavam grande apuro, apesar do desfile ter sido dificultado pela grande quantidade de lama provocada pelas chuvas desta manhã.

A hora a que fechamos o nosso jornal, as tropas continuavam a desfilar perante a tribuna presidencial.

O trânsito no Camões

esteve hoje aberto

a título excepcional

As obras da Praça Luis de Camões, que estão a decorrer há alguns meses, encontram-se quase concluídas, pois falta apenas cobrir o empedrado com o revestimento de alcatrão e betumil, trabalho este que hoje não pôde ser levado a efeito visto a chuva não o permitir.

Por tal motivo, foi permitido, excepcionalmente, o trânsito de automóveis pela Praça Luis de Camões, mas, se o tempo melhorar amanhã, será interrompido novamente por quatro a cinco dias, que é o que está calculado que levem os referidos trabalhos.

Brigadas de calceteiros, trabalhando dia e noite, ininterruptamente, por turnos, levaram seis dias a fazer o calcetamento da Praça Luis de Camões e parte da Rua do Loreto. Para isso, foi necessário construir uma caixa de cimento armado, em toda aquela artéria, ficando por baixo os canos de esgoto que ligam com os dos prédios ali existentes. Actualmente, sem que o público disso se aperceba, estão a trabalhar no subsolo vários operários que procedem à ligação das canalizações de esgotos ao colector. Falta ainda arranjar também o empedrado da placa central onde está a estátua de Camões, não estando ainda decidido se, em volta, se procederá ao respectivo ajardinamento.

AVIZ HOTEL

Avisamos os nossos Ex.^{mos} Clientes que
o Restaurante estará fechado amanhã dia 28

A DIRECÇÃO



O tenente-coronel Salvação Barreto entregando as condecorações

63 bombeiros

foram hoje condecorados

pelo presidente do Município

No quartel do Batalhão de Sapadores Bombeiros, a Esperança, efectuou-se hoje, às 10 horas, a cerimónia da imposição de medalhas a 63 sapadores bombeiros, com 5 e 10 anos de exemplar comportamento, sendo 23 medalhas de prata e 40 de cobre.

Toda a corporação se encontrava formada no quartel com a respectiva banda de música, a qual, à chegada do sr. tenente-coronel Salvação Barreto, presidente da C. M. L., executou os primeiros acordes do Hino da Cidade.

O sr. tenente-coronel Salvação Barreto, foi recebido à entrada do quartel pelos srs. major Ribeiro Viana e Rogério Cansado, respectivamente 1.º e 2.º comandantes, dr. Jaime Lopes Dias e Judah Ruah, respectivamente, directores dos serviços Centrais, Técnicos e Especiais e vários funcionários superiores, entre os quais os srs. dr. Silva Pinto, engenheiro Silva Carvalho, D. Julieta Ferrão, etc.

O presidente da Câmara colocou ao peito de cada um dos condecorados as medalhas que lhe foram atribuídas, após o que os abraçou.

Terminada a cerimónia, o presidente da Câmara dirigiu-se a uma sala do 2.º andar onde se encontravam expostos muitos e curiosos objectos e documentos relativos a incêndios e que se destinam a um museu em organização. Nesta sala vê-se grande numero de bandeiras pertencentes a várias corporações de bombeiros, já extintas, bem como retratos e fotografias antigas, uma infinidade de pequenas recordações relativas a vários incêndios, viaturas e carros-bombas, em miniatura, etc. Ali está também uma série de interessantes inventos idealizados e executados em miniatura, na sua maioria, por pessoas estranhas aos serviços de incêndios. Nesta sala, podem admirar-se ainda duas bombas de incêndios, uma de 1796 e outra de 1802, que estiveram em serviço nos palácios reais de Sintra e de Queluz. Há também ali um aparelho telefónico, destinado à chamada de bombeiros, auxiliares, que foi idealizado e executado pelo antigo chefe Cunha, que fez parte da corporação dos Bombeiros Municipais. Quando este museu estiver devidamente organizado e aberto ao público será um dos mais curiosos da especialidade, dado o elevado numero de material e de objectos, muitos dos quais raros, que foi possível reunir.

SERVIÇOS DE CHÁ

Grande variedade—fabrico próprio

Ourivesaria Pimenta

Rua Augusta, 255 — Telef. 24564

Os temporais

continuam a assolar
diversas regiões
da Itália

ROMA, 27.—A situação, no que diz respeito às inundações, tanto no Norte como no Sul da Itália, não mostra tendências para melhorar. Violentos temporais continuam a assolar as regiões setentrionais do vale do Pó, o mesmo acontecendo nas regiões meridionais da Calábria, nomeadamente na zona de Reggio. No Norte, o Pó e o Adigio transbordaram em vários pontos, inundando por completo todos os campos de cultura. Perto de Bergamo, a aldeia de Costenuova encontra-se isolada pelas águas, pela quinta vez durante estes últimos dez dias. Na Calábria, a população da aldeia de Siberno encontra-se sem água potável depois da destruição do aqueduto pelo forte temporal de ontem. As aldeias de Minto, Bonisi e Pentaleo encontram-se completamente isoladas devido a novas inundações. Destacamentos móveis da divisão de «Aostas» tentam estabelecer ligações com as regiões isoladas e apesar das más condições atmosféricas, os helicópteros do Exército puderam lançar viveres em vários pontos isolados há mais de três dias.—(F. P.).

A situação piorou na Calábria

REGGIO DE CALABRIA, 27.—As notícias recebidas esta manhã das regiões inundadas da Calábria continuam a ser alarmantes. A situação não melhorou nessas regiões nem em Reggio propriamente dita, onde, pelo contrário, parece ter piorado.

Com efeito, às primeiras horas de hoje, abateu uma casa, mas não houve acidentes pessoais porque os habitantes fugiram a tempo. Na cidade, há 43 casas inundadas e várias ameaçam ruína. Não há notícias de Trunca nem de Allai, que continuam isoladas por causa da cheia. A aldeia de Olivete foi abandonada esta noite; a torrente de Valandí ameaça transbordar e receava-se pela sorte dos 112 habitantes que graças às operações organizadas pelos bombeiros, puderam ser transferidos rapidamente para Serracinello, e a seguir para Réggio. Pouco depois de aqui chegar, uma mulher deu à luz um filho, poucas horas depois do marido morrer na cheia do Valandí. A pobre mãe escapou da morte graças à intervenção de um helicóptero cujo piloto conseguiu arrebatá-la das águas.—(France Presse).

HÁ 30 ANOS

João Franco

«Estávamos no ponto mais alto de Penamoor e um dos meus sobrinhos pediu-me que lhe indicasse dentre os morros que fechavam o horizonte, quais pertenciam já a Espanha. E ali estive, gesticulando para indicar este ou aquele ponto. Quando nos preparávamos para abandonar a vila, surgiram dois guardas que nos levaram para a administração do concelho. O administrador do concelho perguntou-me e insisti sobre as intenções da minha gesticulação, e só desistiu depois de muitas horas passadas ter recebido de Lisboa um despacho telegráfico determinando a nossa libertação. Depois, reconheci no zeloso funcionário o antigo administrador de Fornos de Algodres quando da segunda vez que estive no poder...»—contava o conselheiro João Franco no «Diário de Lisboa» de 27 de Outubro de 1923.

Novo processo de diagnosticar

o cancro do estomago

ATLANTA (Geórgia), 27.—O dr. Ernest Ayre, de Miami, declarou ontem no 47.º congresso anual da Associação Médica dos Estados do Sul que tinha descoberto um «novo método, extremamente simples» que permite revelar a existência de cânceros do estomago. Trata-se, segundo disse, de uma «escova giratória» que é introduzida no estomago do doente e que, em cinco minutos, pode recolher, por meio de fricções nas paredes do estomago, um numero suficiente de células que permite descobrir a existência da doença.—(F. P.).

Teatro Nacional de S. Carlos

Com o concerto que a Orquestra Filarmónica realiza na tarde de Domingo próximo, às 16 horas, sob a direcção do seu fundador e director artístico, dr. Ivo Cruz, inaugura-se a época de concertos em Lisboa e, simultaneamente inicia-se a 18.ª temporada da sua já longa e construtiva carreira posta ao serviço da musica e da educação musical do povo português e designadamente da população de Lisboa.

No programa figuram a Grande Páscoa Russa de Rimsky-Korsakoff, a Sinfonia Incompleta de Schubert, o Concerto para Oboé de Mozart, as Dolorosas, de Oscar da Silva e o Prelúdio de Rachmaninoff.

Como solista, apresenta-se o oboista Santos Pinto, que acaba de regressar ao País depois de ter permanecido 2 anos em Paris, onde estudou no Conservatório, como bolseiro do Instituto de Alta Cultura.

EM 3 LINHAS

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até às 15 horas: máxima, 19°; mínima, 15°; 1. No mesmo dia do ano passado: máxima, 21°; 8; mínima, 14°; 8.

A tratar de assuntos de interesse para Vila Real encontra-se em Lisboa o governador civil daquele distrito, major Augusto Pinto Sequeira.

O sr. dr. José Leite Pereira de Seabra, juiz de direito de 1.ª classe, foi reconduzido por mais três anos no lugar de juiz do Tribunal do Trabalho do Porto.

O sr. ministro das Comunicações concedeu a medalha de ouro aos seguintes funcionários dos C. T. T.: eng. Duarte Calheiros, dr. Jorge Braga, Joaquim Correia, João Ramalhe Serra e eng. Joaquim Gonçalves.

Concedeu-se à Câmara Municipal de Cascais uma comparticipação de 656 contos para execução do colector geral de saneamento da zona compreendida entre Linhó (Cadeia Central de Lisboa) e Cascais.

Foram concedidas medalhas de filantropia e caridade às seguintes entidades: Sociedade Humanitária de Matosinhos e Leça da Palmeira; Joaquim Pereira da Silva e Francisco Russo Belo comandantes dos bombeiros daquelas localidades.

O sr. dr. Hermes Augusto dos Santos foi nomeado inspector da subdirectoria do Porto da Polícia Judiciária.

Durante a Exposição Filatélica de Vila Franca, de 8 a 11 de Novembro, será apostado quando solicitado, em todas as correspondências expedidas da Estação de Correios de Vila Franca de Xira, um carimbo especial.

A Associação Comercial promove depois de amanhã, às 21 e 30, uma sessão de homenagem ao seu presidente, sr. Carlos Mantero.

Os laços de amizade

hispano-americanos
postos em relevo

por Edward William

MADRID, 27.—O director da missão de operações económicas dos Estados Unidos em Espanha, Edward William, recebeu um grupo de jornalistas e correspondentes estrangeiros a quem declarou o seguinte:

«Tenho uma esperança de que o Governo e o povo do meu país realizem bem o esforço conjunto com os habitantes desta velha nação que tão grande influência teve sobre os que vivem na América. Temos antigos laços que partem da descoberta de Colombo e que, agora fortalecidos, estão destinados a desempenhar importante papel. Devemos muito à cultura espanhola e, à medida que trabalhemos juntos, creio que os Estados Unidos poderão manter a tradição destes laços. Espero que o meu povo possa compreender os costumes espanhóis, tal como eu farei por aprender aquilo que para nós possa representar certa novidade.

«Com a assinatura deste acordo hispano-americano demos um passo que já contribuiu para fortalecer a defesa do mundo ocidental. Cheguei a esta conclusão depois de observar as reacções dos nossos amigos e dos nossos inimigos. Assinámos, ambas as partes, como nações soberanas e amantes da paz que o mundo livre procura. Comprometo-me a fazer tudo o que possa para este objectivo.

Respondendo a perguntas dos jornalistas, Edward William disse ainda:

«Já comecei os meus contactos com personalidades espanholas, mas ainda não concretizámos os pormenores dos investimentos. Será o Governo espanhol que fixará o plano a desenvolver, e que será então publicado.—(Efe).

PRINCEPE NEGRO

RESTAURANTE

Óptimo serviço de Almoços, Jantares, Lanches e Banquetes

Entrada privativa:

Calçada da Glória, 2

Edifício do Palladium — Telef. 28477

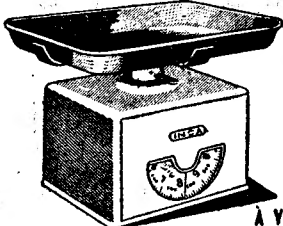
Hertig

UM AMIGO CERTO

-DIGAM TODOS
COMIGO:

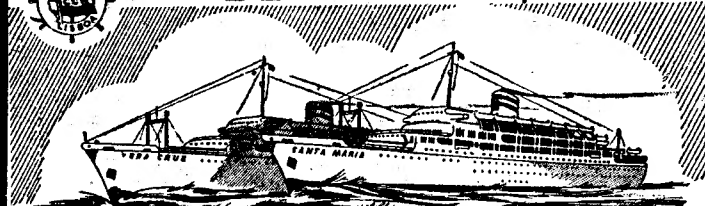
INCA

A BALANÇA IDEAL
PARA TODAS
AS DONAS
DE CASA



A VENDA NAS BOAS LOJAS DE UTILIDADES
REPRESENTANTE: M. SIMÕES JR.-R. DA PRATA, 68 — TELEF. 30306-LISBOA
AGENTES NO NORTE: SANTARÉM, LDA.-R. RAMALHO ORTIGÃO, 40-T.24587-PORTO

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO



«SANTA MARIA» «VERA CRUZ»

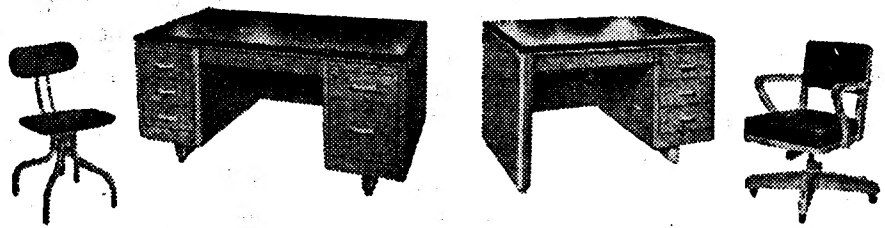
LINHA AMERICA DO SUL
Serviço rápido de luxocom escala por FUNCHAL

PAQUETES	DESTINOS	PARTIDAS (às 12 horas)
«VERA CRUZ»	Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos	29 de Outubro
«SANTA MARIA» VIGEM INAUGURAL	Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires	12 de Novembro
«VERA CRUZ»	Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires	28 de Novembro

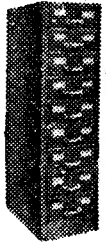
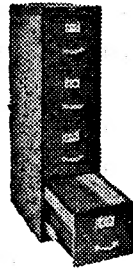
LISBOA — R. DE S. JULIAO 83

Telefones n.º 30131 a 30138

PORTO — RUA INFANTE D. HENRIQUE, 8
Telefone 23342



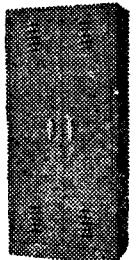
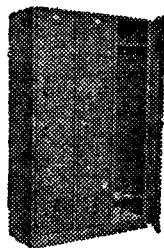
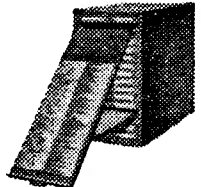
MATERIAL EM AÇO PARA ESCRITÓRIO
"SEEL"



Uma Indústria Nacional...

que apresenta todos os tipos de
mobiliário e ficheiros em aço, de
características modernas e práticas

A construção e robustez de todo
o nosso material garantem um tra-
balho eficiente e longa duração.



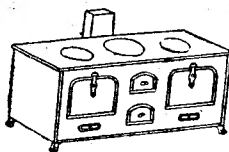
CONSULTE-NOS E VISITE O N.º STAND



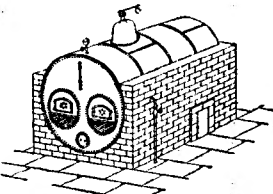
SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITÓRIO, LDA.

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 53-1.º • LISBOA • TELEFONE 24986
PORTO: A. LENCASTRE & SOUSA • RUA DE S. CATARINA, 130

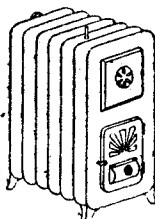
Queimadores de óleo



Para qualquer fogão de cozinha, de
lenha ou carvão



Para qualquer caldeira industrial de
vapor ou água quente



Para qualquer caldeira de aqueci-
mento consultar sem compromisso a

SOCIEDADE FRAMAR LIMITADA

R. de S. Paulo, 32 — Telefone 26034

PELES

DAVID KIT

O maior e mais fino sortido para
o ano de 1954, principalmente em
visons e astrakans

Grande desconto para revenda
AVENIDA SIDONIO PAIS, 24
Telefone 48089

BASILISA PEDROSA

Parteira diplomada
Rua Augusta, 275-4.º
Telef. 22029
Das 14 às 18 horas

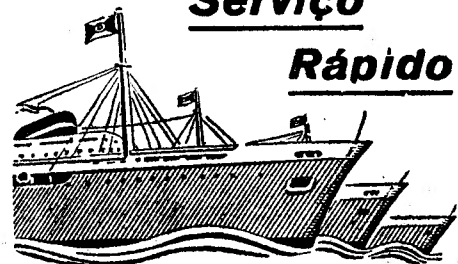
DR. MIGUEL DE MAGALHAES

Monitor da clínica de Necker—Paris
RINS. vias urinárias—Venero—Santos
Travessa Nova de S. Domingos, 9,
1.º, às 15 horas Telefone 29062

Serviço

Rápido

**de
Luxo**



MINISTÉRIO DE TRANSPORTES DE LA
NACION—FLOTA ARGENTINA DE NAVEGA-
CION DE ULTRAMAR—COMPANHIA AR-
GENTINA DE NAVEGACION DODERO

DESTINO	PAQUETES	PARTIDAS
HAVRE E LONDRES	«Eva Peron» «17 de Outubro» «Presidente Peron»	30 de Outubro 21 de Novembro 12 de Dezembro
RIO DE JANEIRO MONTEVIDEO E BUENOS AIRES	«Eva Peron» «17 de Outubro» «Presidente Peron»	17 de Novembro 8 de Dezembro 29 de Dezembro

Para passageiros e carga, tratar com os Agentes Gerais
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, ANTUNES & CIA., LTD.

PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 4

Teleg. «Antunita»

LISBOA

Telef. 2 2271/3

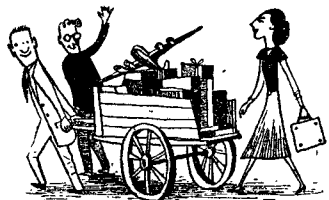
SUB-AGENTES NO PORTO

Sociedade Comercial Orey & Barros Leite, Lda

Rua Sá da Bandeira, 610

OVIC
126

a SAS mudou-se



e vem informar por isso os seus amigos, os seus clientes e todos aqueles que quiserem dar-nos o gosto de se nos dirigirem, de que doravante estará às ordens de todos, nas suas novas instalações, na



Ali passará a manter contacto directo com o público, prestando informações ajudando a estudar os itinerários das suas viagens de férias ou negócios...



...esclarecendo-o amavelmente em Português ou Inglês, Francês ou Alemão, Espanhol ou Escandinavo, etc., com o tradicional desejo de bem servir que caracteriza a Scandinavian Airlines System.



Viaje pela S. A. S. — consulte a sua agência de viagens habitual ou vá directamente à Av. da Liberdade, 236-A, Telefone 49374 e 57139 (2 linhas) informar-se das facilidades e vantagens das linhas aéreas escandinavas.



SCANDINAVIAN AIRLINES SYSTEM

POLICLINICA DE ARROIOS

PRAÇA DO CHILE, 14-1.º — Telefone 42414
Dr. Aires de Sousa — Raios X e Radioterapia, 16 horas.

Dr. Eurico Alves Pereira — Clínica geral, 18 h.
Dr. Cabral Sacadura — Cir. geral e partos, 17 h.
Dr. Dias Amado — Análises clínicas, 14 h.
Dr. João dos Santos — Doenças nervosas e mentais, 14,30 h.

Dr. Laurinda Alambre-Doeng, senhoras, 13 h.
Dr. Luis Andrade — Ovídeos, nariz e garganta, 15 e 18,30 h.

Dr. Mário Ruas — Rins e vias urinárias, 17 h.
Dr. Monteiro Grilo — Doenças dos olhos, 16 h.
Dr. Paiva e Costa — Boca e dentes, 15 h.

Dr. Parada de Oliveira-Doeng, crianças, 12 h.
Dr. Pina Monteiro — Coração e pulmões, 17 h.
Dr. Ramos Chaves — Pele e sífilis, 15 h.

NEBULIZAÇÕES DE PENICILINA

DIÁRIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal, o céu está enublado e o vento é sudoeste, muito fresco a Sul do Cabo Mondego. A Norte do referido cabo, o vento é Norte bonançoso a moderado, por influência duma frente fria que se desloca rapidamente para Leste. Há chuva moderada contínua a Sul do Cabo Mondego, e caem aguaceiros a Norte do mesmo cabo.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu nublado. Vento Noroeste bonançoso, tornando-se muito fresco com rajadas. Aguaceiros e borrascas locais, em especial a Norte do Tejo. Descida de temperatura.

PROGRAMAS DA RADIO

EMISSORA — As 18 e 30, Danças; 19, Noticiário; 19 e 5, Trechos de óperas; 19 e 15, «As Qualidades do Chefe», palestra pelo capitão Correia de Matos; 19 e 25, O compositor da semana; Paderewsky, e notas explicativas pelo dr. José Carlos Picoto; 20, O Caso do Dia; «As manobras militares do Campo de Santa Margarida»; 20 e 15, Canções sul-americanas; 20 e 30, Noticiário regional; 20 e 35, Campanha Nacional de Educação de Adultos; 20 e 50, Valsas; 21, Noticiário e Desdobramento.

Programa «A» — As 21 e 15, Música de salão; 21 e 30, Duas Gerações (diálogo); 21 e 45, «Ouvindo as Estrelas»; 22 e 45, Poesia, Música e Sonho, programa de Miguel Trigueiros; 23 e 15, Danças; 23 e 50, Resumo noticioso e encerramento.

Programa «B» — As 21 e 15, Continuação da Transmissão do Festival de Beireuth de 1953, e notas explicativas por José Atalaia «Parsifal».

RADIO CLUBE — As 18, Concerto; 18 e 45, Trechos recreativos; 19, Divulgação do «jazz»; 19 e 30, «Aperitivo»; 20, Música portuguesa; 20 e 15, Noticiário; 20 e 20, Música brasileira; 20 e 30, Galo de ouro; 20 e 45, Vozes em conjunto; 21, Variedades; 21 e 15, Recital de composições de Cruz e Sousa; 21 e 30, Círculo de Iniciação Radiofónica; 22, Música e turismo; 22 e 15, Canções; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 23 e 45, Canções portuguesas; 0, Fados e guitarradas; 0 e 30, Canções portuguesas; 0 e 45, Rádio-jornal; 0 e 55, Manhã; 1, Fecho.

RADIO UNIVERSIDADE — As 19 e 45, Marcha; 19 e 50, Orquestras ligeiras; 20, Solos de órgão; 20 e 15, Noticiário; 20 e 20, Recital de canto; 20 e 35, Orquestra Melachrino; 20 e 50, Anúncio do encerramento; 20 e 54, Marcha; 20 e 55, Fecho.

Recamações dos passageiros

dos barcos da carreira

Terreiro do Paço-Cacilhas

Os passageiros dos barcos da carreira Terreiro do Paço-Cacilhas apresentaram queixa contra as precárias condições em que fazem a viagem, pois as embarcações não oferecem os requisitos de comodidade e conforto necessários, principalmente nos dias de chuva. As autoridades vão proceder, pois verificaram que os barcos não dispõem dos meios indispensáveis para abrigar os passageiros da chuva.

Também têm sido apresentadas queixas contra a falta de um toldo no cais de Cacilhas, que abrigue as pessoas das chuvas enquanto aguardam o embarque. A resolução deste problema depende da Administração-Geral do Porto de Lisboa.

O custo dos transportes

COVA DA PIEDADE, 25 — A Parceria dos Vapores Lisboenses resolveu que as últimas carreiras entre as duas margens do Tejo se façam, a título de experiência e até 31 do corrente mês, de Cacilhas para Lisboa às 2; e de Lisboa para Cacilhas às 2 e 30.

Algumas pessoas pedem-nos que lembremos a referida empresa a redução de preço da passagem, não só nas carreiras diurnas como nas nocturnas, em vista do actual movimento de passageiros.

A passagem de noite, tem um acréscimo de 20 %, não constando que qualquer outra empresa de transportes use fazer tal exigência.

Também seria interessante a modificação da estação de embarque em Lisboa, reconhecido como está, e de há muito, não oferecer comodidade aos passageiros a que existe, agravada na época invernal em que vamos entrar com uma notável falta de conforto.

Melhoramentos publicos

Os telefones na Costa de Caparica

COSTA DE CAPARICA, 27 — Atendendo ao considerável aumento de população que, de ano para ano, se acentua nesta localidade, a Companhia dos Telefones resolveu, e muito bem, transferir a sua estação da Rua dos Pescadores para a Rua Padre Baltasar, estando agora instalada num esplêndido edificio, recentemente construído.

Com esta transferência, melhorou consideravelmente o serviço, pois, além das instalações serem mais amplas, vai aumentar o numero de linhas e, dentro da povoação, as mesmas deixarão de ser aéreas para passar a ser subterrâneas. E para que esta modificação ainda mais resulte, seria de toda a conveniência, especialmente no Verão, a colocação de uma cabina telefónica no Largo Vasco da Gama, junto da praia.

RADIO RENASCENÇA — Das 19 e 30 às 0; juntamente com o Porto, das 19 e 30 às 22 e 30.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 às 19 e 30, Clube Radiofónico de Portugal; das 19 e 30 às 22, Rádio Peninsular; das 22, a 1, Rádio Graça.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNIO M — Sousa — Estrada de Benfica, 429-431 — Tel. 58-027; Leal de Matos — Rua de Neves Costa, 33-35 — Carnide — Tel. 53-181; Baptista — R. de Francisco Tomás da Costa, 3-C — Tel. 71873; Patuleia, Herd. — Rua do Lumiar, 122-124 — Tel. 79-332; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C — Sítio de Alvalade — Tel. 76905; Providência — Rua de D. Filipa de Villhena, 9-C — Frente ao Bairro Social do Arco do Cego — Tel. 70324; Sá da Bandeira — Rua do Marquês de Sá da Bandeira, 36 — Tel. 41961; Branco — Avenida do Duque de Loulé, 61-65 — Tel. 45048; Ascenso — Rua 19 — Bairro da Encarnação — Tel. 399216; Freitas — Rua de Zófilo Pedroso, 11-13 — Tel. 39136; Oriente — Rua Lopes, 120 — Tel. 843381; Brito — Rua do Vale de Santo António, 7-9 — Tel. 840125; Ziler — Rua e S. Tomé, 54-56 — Tel. 22835; J. Ribeiro, Lda. — Largo das Olarias, 33 — Tel. 28843; Dimar, Lda. — Rua do Conde de Monsaraz, 17-B — Tel. 842533; Garanta — Avenida A. ao Azeiteiro, 5-A-B — Tel. 77300; Algarve — Avenida de Roma, 7-B — Tel. 77478; Lab.º Brasil (Do) — Rua de Alves Torgo, 29-31 — Tel. 46843; Magalhães — Avenida do Almirante Reis, 4-A-F — Tel. 49479; Imparcial — Rua do General Taborda, 28 — Tel. 41031; Porfiro — Rua de Francisco Metrass, 59 — Tel. 63349; Gama — Calçada da Estrela, 130 — Tel. 60339; Bom Sucesso — Rua de Bartolomeu Dias, 63 — Tel. 38754; Lidia Almeida — Calçada da Ajuda, 170 — Tel. 37318; Santo Amaro — Rua de Filinto Elísio, 29-A-B — Tel. 37070; Proibidade — Rua de Alcantara, 15-A-B — Tel. 38589; Marcos do Nascimento — Calçada do Marquês de Abrantes, 36-A — Tel. 64238; Ultramarina — Rua de S. Paulo, 101 — Tel. 21771; Conaça — Praça das Flores, 59 — Tel. 27901; Americana — Calçada de Santana, 3 — Tel. 28384; Durão — Rua de Garrett, 90-92 — Tel. 24166; Silva Carvalhal — Rua dos Fanqueiros, 126 — Tel. 26575.

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

NACIONAL — As 21 e 45 — «A taça de ouro», MONUMENTAL — As 20 e 45 e às 22 e 45 — «Cavalgada mágica».

MARIA VITÓRIA — As 20 e 30 e às 22 e 45 — «Saias curtas».

AVENIDA — As 20 e 45 e às 22 e 45 — «Toma, que o filho é teu...».

COLISEU — As 21 e 30 — Nova companhia de circo.

TIVOLI — «As neves de Kilimanjaro», SÃO LUIS — «Escravidão».

EDEN — «Rainha sem reino», IMPERIO — «Máscaras de cera», S. JORGE — «Mar cruéis».

MONUMENTAL — «Sombreiro», POLITEAMA — «Niagara», CONDES — «Romeu e Julieta», CAPITOLIO — «A ilha do pecado».

ODEON e PALACIO — «Prestigio real», OLIMPIA — «Princesa da selva», TERRASSE — «O grande amor», LIS — «Amanhã será tarde».

JARDIM — «Fúria», PROMOTORA — «Paguei os meus pecados», BELEM-JARDIM — «Cavalgada de paixões».

BOLSA DE LISBOA

VALORES [Efectuado Compra/Venda]

Fundo do Estado

Consolidado 2 3/4 I. 104 772\$ 771\$ 772\$

Consolidado 3 I. 104 856\$ 855\$ 856\$

Consolidado 3 1/2 T. 104 986\$ 985\$ 987\$

Centenários 4 %... — 2.200\$ 2.215\$

Externas 1.ª série... — 1.224\$ 1.230\$

Externas 1.ª carimbadas 1.230\$ 1.228\$ 1.232\$

Externas 3.ª série... — 1.350\$ 1.345\$ 1.356\$

Externas 3.ª carimbadas — 1.340\$

Cautelas 3.ª série s/ 1.ª — 157\$

Ações

Lisboa e Am... — 1.551\$ 1.600\$

Ultramarino cp. T. p... 2.020\$ 2.030\$ 2.050\$

Portugal port. T. p... — 1.525\$ 1.550\$

Fidelidade... — 88.000\$ 86.000\$ 90.000\$

Mundial... — 2.300\$ 2.250\$ —

Nacional... — 1.890\$ 1.950\$

Agua... — 217\$ 220\$

Cimentos Tejo... — 380\$ 410\$

Cimentos Leiria T. p... 490\$ 490\$ 495\$

Crédito Predial port... 25\$ 25\$ 255\$

Gás Electricidade cupão... 182\$ 182\$ 183\$

Alto Alentejo cupão... 144\$ 144\$ 145\$

Industrial Aliança... — 390\$ 405\$

Portugal e Colónias... 382\$ 381\$ 383\$

Nac. Navegação T. p... 1.268\$ 1.265\$ 1.270\$

Colonial de Navegação... 670\$ 660\$ 670\$

Port. de Pesca T. p... 1.060\$ 1.050\$ —

Port. de Tabacos cupão... 459\$ 458\$ 460\$

Tabacos Portugal cupão... — 585\$ 500\$

União Electrica Port... 215\$ 214\$ 216\$

Casseque... — 1.490\$ 1.490\$ 1.492\$

Agrícola das Neves... — 1.120\$ —

Agricultura Colonial... 660\$ 658\$ 662\$

Açúcar de Angola... 3.430\$ 3.420\$ 3.440\$

Buzi... — 242\$ 242\$ 244\$

Cabinda... — 212\$ 212\$ 217\$

Ilha do Príncipe... — 1.440\$ 1.430\$ 1.450\$

Zambézia T. de 25... — 125\$ 124\$ 125\$

Moçambique... — 156\$ 160\$

Electrica das Beiras... — 1.475\$ 1.470\$ 1.480\$

Obrigações

Agua de Lisboa 5 % — 505\$ —

Norte de Portugal 5 % 108\$ 108\$ 108\$

J. BURNAY, LDA. LIBRAS OURO

OURO em barra

RUA DO OURO, 72 — TELEF. 21273

Vão ser substituídas

as bombas elevatórias de água para o abastecimento de Evora

EVORA, 25 — Vão ser substituídas as duas bombas de elevação de água instaladas nos depósitos centrais, por outras, de muito maior potencia, adquiridas recentemente pelo Município. Uma delas já se encontra nesta cidade, verificando-se que possui tanta força como as duas existentes. Esta informação foi dada pelo presidente da Camara na ultima sessão, depois de ter esclarecido que as velhas bombas, adquiridas há 20 anos, não dão já o rendimento necessário, pelo que estão sujeitas a constantes avarias que prejudicam o abastecimento normal. Na mesma reunião camarária foi discutido o orçamento suplementar para o corrente ano e aprovados os balancetes da Camara e Turismo, cujos saldos referem, respectivamente, 1.107.721\$00 e 85.986\$40.

Alcáçovas pede resolução

para o problema das águas

ALCÁÇOVAS, 25 — Já por mais de uma vez nos temos feito eco da situação aflitiva desta vila quanto ao problema de abastecimento de água ao publico. Os três poços existentes, dois com bombas e um de mergulho, secaram, a excepção de um que, precisamente, tem a bomba avariada. Reina, pois, grande descontentamento e a aquisição de uma bilha de água para beber, por dia, obriga a carta de recomendação e favor, como nos aconteceu a nós. Não será já tempo de pôr termo a esta situação iniciando, pelo menos, o estudo de captação de águas?

48 anos de serviço

como oficial de diligências



No próximo dia 4 de Novembro, atinge o limite de idade o oficial de diligências da Secção Central da Repartição Judicial do Tribunal da Relação de Lisboa, sr. José Duarte Froes, nascido em Vila Franca de Xira em 1883, desde 6 de Julho de 1905 que o sr. José Duarte Froes desempenha, ininterruptamente, as funções do seu cargo, primeiramente na comarca da sua naturalidade, depois na 1.ª Vara Cível da comarca de Lisboa e, finalmente, no referido Tribunal da Relação desde 21 de Dezembro de 1939, isto é, 48 anos de serviço nas mesmas funções, presumindo-se que seja o oficial de diligências mais antigo do País.

EM BREVE

ESTREIA SIMULTÂNEA

EM 4 CINEMAS

Um triunfo!



CHARLES
CHAPLIN

LUZES
DA
RIBALTA

EDEN ♦ TIVOLI

RIVOLI ♦ S. JOÃO

O momento político

Carta de um republicano

à União Nacional do Porto
a atacar um monárquico
que defende a República de 1910

Com pedido de publicação, recebemos da Comissão Distrital da União Nacional, do Porto, a seguinte carta que lhe foi enviada:

«Senhor presidente da Comissão Distrital da União Nacional—Porto—Li com indignação a carta que um senhor monárquico constitucional e liberal dirigiu à Oposição do Porto. Eu sou republicano, dos que já o eram antes de 5 de Outubro de 1910. Sacrifiquei-me nas horas entusiásticas da propaganda. Vi nesse tempo ao meu lado muitos que depois se afastaram, desiludidos. E não vi a maioria dos que depois apareceram. Adiante...

O motivo da minha indignação é que fui dos que protestaram, em nome da Liberdade e dos Direitos do Povo, contra as perseguições feitas aos monárquicos, contra a deportação de jornalistas monárquicos, contra os assaltos aos jornais monárquicos. Fui dos que viam, em vez de um regime de Paz, que tínhamos sonhado, um regime de Ódios, de Perseguições, de Calúnias, de Desordens, e de Roubos. Fui dos que teimaram em desejar uma situação de Paz e de Ordem. Não sou do Estado Novo. Não sou funcionário publico. Não concordo com muitas coisas que se fazem, e acho que a Censura não serve para coisa nenhuma, porque as mentiras que a Oposição diz só servem para a desprestigiar. Mas acho que os monárquicos, que foram tão perseguidos outros tempos, deviam agora ser, pelo menos, agradecidos a uma situação que os não persegue e que não distingue entre os que teimam em considerar preferível a monarquia, constitucional ou não, ou os que se mantêm, como eu, fiéis ao ideal republicano da nossa mocidade.

O senhor monárquico quer voltar à desordem antiga? Se calhar é dos felizes que escaparam às perseguições daquele tempo...

Talvez já não se recorde. A memória dos homens é fraca. Mas eu posso lembrar-lhe o que um velho republicano de antes de 1910, o sr. almirante Mendes Cabeçadas, dizia em 1925 num jornal: «Com que direito é que os causadores desta situação que nos avilta, vêm falar em liberdade e democracia? Que entendem eles por liberdade? E por democracia? Nas suas bocas são palavras ocas, autênticas intrujices. O que eles querem é atingir seus fins, servindo-se para isso, de todos os meios». Liberdade para eles, contra os outros! Democracia para eles, sem permitir que os outros vivam! Guerra aos adversários! Combate aos adversários!

«Vive-se na maior e mais completa indisciplina. Quebrado o princípio da autoridade, não há direitos, nem os que a Constituição garante, pois a própria Constituição tem sido, nas mãos dos governos, um verdadeiro farrapo.

«Para os democráticos, quem não é «democrático» não é republicano, e, portanto, não tem razão de existir.

«Agora querem, o Exército republicano, o funcionalismo republicano, e professorado republicano... Mas com que ou em que República?

«Então, os que não se prestam, por escrupulo moral e patriótico, a servir governos de corrilhos e de quadrilhas não têm o direito de trabalhar pelo Estado que é de todos?

«Vive-se na mais abjecta mentira, na mais despótica coacção. A República só se defende por uma boa e honesta administração. Não se defende, antes se arruína: com palavras ocas e com ódios, armas de que se servem agora os «puritanos» do regime, conhecidos nesse já célebre «Comité de Defesa da República», onde há gente que nunca foi republicana, ou, se foi, fugia nas horas da luta. Eu, pelo menos, não agi em 5 de Outubro.

«Vive-se em pleno caciquismo—como nunca se viveu no tempo da Monarquia. Um militar quer uma transferência? Filia-se no Partido Democrático!

«Um bacharel quer uma colocação? Adere ao partido democrático!

«Não há lugar nenhum da província, o mais recondito, onde não domine, escravizando

O Brasil vendeu-nos

25.000 toneladas de açúcar

No dia 10 de Novembro chegará ao Tejo o navio brasileiro «Loide Venezuela» com um carregamento de 4.000 toneladas de açúcar do Brasil. Antes disso, no dia 6, chegará a Leixões, no navio «Loide Uruguai», outro carregamento, igual, de açúcar. Estas duas partidas fazem parte de uma remessa de 25.000 toneladas de açúcar branco que vem para Portugal depois de acordo estabelecido entre os governos português e brasileiro.

A seguir, chegarão os outros carregamentos de açúcar para abastecimento do País. Trata-se das encomendas mais importantes feitas ultimamente ao Brasil.

toda a população, um cacique democrático! Desculpem a extensão deste desabafo, mas custa muito a gente ter-se batido por uma República que os meus correligionários não souberam dignificar e que até um monárquico, agora, vem defender.

Não lhes peço a publicação desta carta, mas autorizo V. Ex.ª a utilizarem as minhas palavras como entenderem.

Com muita consideração por V. Ex.ª, ainda que nem sempre pensando da mesma maneira, sou de V. Ex.ª, muito atento e venerador—
a) Afonso Augusto Gouveia.

Um manifesto

em que se apresentam
os propósitos

da «Juventude Nacionalista»

Da organização «Juventude Nacionalista» recebemos, com pedido de publicação, o seguinte manifesto:

1.º—Não abdicamos de nenhuma parcela de Portugal (Oliveira há-de voltar à Pátria, Goa há-de permanecer portuguesa).

2.º—Tentaremos formar a «Frente da Intelligência» contra o Comunismo destruidor, anticatólico e anti-português.

3.º—Fiéis ao princípio de que, sem independência económica, não há independência política, lutaremos pela integração de certas companhias no património nacional.

4.º—Aconselhamos a integração da Causa Monárquica na União Nacional a realizar-se como frente política de todos os patriotas a criação duma nova designação para a Guarda Nacional Republicana a constituição de uma autêntica corporação política destinada a formar os «leaders» da Nação a constante doutrinação política e nacional da juventude o aumento real e progressivo das liberdades instrumentais uma chefia de Estado e um corpo governamental orgânicos a preparação cuidada da opinião publica no sentido de aceitar um dia, sem abalo de ordem publica, o continuador do grande «leader» da Pátria e do Império Salazar.

5.º—Defendemos o corporativismo integral, orgânico, popular e não estatista ou socializante. Pugnamos pela constituição das corporações morais culturais, económicas e sociais. Defendemos o alargamento do abono de família às populações rurais, o seu aumento proporcional ao custo de vida, a sua dádica como regalia aos desempregados, o seu legado por morte do chefe de família aos ascendentes e descendentes a seu cargo como se fosse um dote; defendemos a transferência de certas regalias da previdência social para o funcionalismo publico e estudantes universitários; o pagamento mensal a todos os trabalhadores incluindo os domínios; o dia de sete horas de trabalho; a sindicalização de todas as classes profissionais e a constituição das respectivas caixas de reforma e previdência; a liquidação do «déficit» habitacional pela adopção da propriedade horizontal e de planos de cooperação entre o Governo e os particulares; a elevação indispensável do nosso fraco nível de vida; a publicação da magna carta dos direitos dos trabalhadores portugueses.

6.º—Defendemos a reforma da Universidade num sentido humanista; a criação da Universidade Católica Portuguesa; ou estabelecimento do plano cultural da Nação; a formação do inspectorado universitário; a dinamização da Mocidade Portuguesa; o estágio militar dos oficiais do Exército no Império; a extinção das causas de crescente proletariado intelectual; a equiparação monetária dos assistentes universitários a professores de liceu, dos professores primários a terceiros oficiais; o pagamento das férias aos professores provisórios; a luta contra a apatia, o egoísmo e a corrupção.

7.º—Lutaremos pela união de todos os Portugueses, de todos os credos e de todas as cores em torno do altar da Pátria.

8.º—Desejamos uma juventude forte, viril, interessada irreverente, desassombrada, heróica, entusiasta, exaltada, capaz de enfrentar a morte com um sorriso nos lábios, pela liberdade do povo e pela independência de Portugal.

9.º—Travaremos a batalha por um Portugal melhor, mais próspero, mais belo e mais feliz para todos os Portugueses.

10.º—A juventude é o baluarte moral da Nação, a reserva inesgotável do povo, a seiva imortal da Pátria.

Esta é a nossa divisa, a divisa desta geração nova: Por um Portugal melhor, pela Pátria e pelo povo—O Conselho Político da Juventude Nacionalista.

O eng.º Carlos Alves

faz o balanço das condições actuais
e anteriores a 1926
da vida económica do País

(Continuação da 1.ª página)

gações resultantes de responsabilidades, todas origem de insatisfações. Daí, o desejo de fazer mais e melhor, de aperfeiçoar. Enfim, perseverança e estudo—muito estudo e muito trabalho. Talvez por isso a posição que desfruto, não de influência, que jamais pretendi, mas de pessoa considerada capaz de compreender certos problemas de acordo com as realidades. Eis como vim e porque vim.

Depois de breve pausa, para coordenar ideias:

Cheguei em 1921. Principiei e, assim, prossegui até 1926, em ambiente impróprio, que incapacitava e diminuía assustadoramente as condições de trabalho, tomado como factor fundamental da economia portuguesa. Era um período de indisciplina, anarquia e greves, agravado pela desvalorização da moeda. Não havia possibilidades de qualquer empresa ou organismo fabril se desenvolver e acompanhar as necessidades de produção. O País não podia, como resultante dos males apontados, manter a estabilidade, mormente a estabilidade vadia e fundamental, proveniente do equilíbrio financeiro do Estado e das empresas particulares. Para tanto, concorriam as oscilações do valor do dinheiro, de que derivavam as variações dos salários. Estas, por sua vez, originavam a inferioridade de produção. Retraí-me fielmente o panorama dessa meia dúzia de anos. Não havia equilíbrio financeiro, nem de moeda, nem de trabalho. Faltavam, pois, os factores essenciais de progresso e desenvolvimento nacionais. Isto não são palavras despidas de significado, antes expressões apropriadas, que, na sua crueza, definem o período em que iniciei a minha actividade na Indústria. Por outro lado, a instabilidade social criava tal desarticulação dos valores positivos e tal perturbação no sector do trabalho que não era possível organizar qualquer planeamento com projecção futura, isto pela incerteza dos que se mantinham em actividade no sector industrial, então, sem um alargamento crescente.

Depois dessa época agitada, houve modificações no panorama económico, com reflexos no meio industrial?

Evidentemente. Após o ano de 26, principiou a estabilidade política, a que se seguiu, como consequência lógica, a confiança interna e externa. Da mesma maneira que provocava condições propícias à regularidade de trabalho, indispensável à produção qualificativa e quantitativa, essa segurança projectava-se no estrangeiro, no capítulo de intercambio de negócios e na recolha de equipamento. Era outra confiança, também benéfica. Isto quer dizer que, a partir de então, se formava o ambiente propício do progresso industrial, visto de dentro para fora e compreendido pelos estranhos. Assim, resultou um desenvolvimento industrial indiscutível, tanto na parte de energia disponível e do programa de investimento para o incremento da produção, como nas inúmeras actividades fabris que se instalaram em Portugal com inteira viabilidade. Foi possível o levantamento do nível de produção, não em referência a 1930, mas a 1950, período em que no continente e ilhas adjacentes se anotou o acréscimo de dois milhões de habitantes, aos quais foi necessário dar ocupação, isto é, meios de vida. Ocorre perguntar como tal fenómeno se tornou possível, mesmo tendo em conta os motivos expostos. Evidentemente, é justo anotar outro progresso e outro desenvolvimento, ocorridos em paralelo e integrados na mesma política nacional de valorização. Refiro-me ao aproveitamento de muitos recursos potenciais das províncias ultramarinas dentro de um plano da próxima conjugação com a Metrópole que sempre tem constituído orientação do Governo, aliás, interpretando com acerto, evidentes imperativos de natureza geo-económica. Essa efectiva articulação das economias das várias parcelas do território nacional proporcionara o aumento do nível de vida de todos os Portugueses. Mas para isso será necessário um trabalho persistente e regular, realizado sob uma boa orientação, ambos só possíveis se existirem—como efectivamente existem—planos oficiais inteligentemente estudados e firmemente cumpridos na sequência do actual pensamento governativo; mantida sempre com indispensável continuidade. Temos possibilidades, valorizando e aumentando o rendimento individual, de aumentar o consumo—ainda baixo, esclareço—pelo simples motivo de dispormos de riquezas potenciais, principalmente no Ultramar, importantes para valorização do todo nacional, e adequadas à colocação do excedente demográfico, movimento indispensável e, felizmente, já encetado prometedoramente.

O eng. Carlos Alves, ainda dentro do mesmo âmbito, esclareceu:

—Para o País progredir, é preciso aumentar o rendimento geral comum, só possível com o aumento do trabalho individual. Ora, para se trabalhar, digo e repito, que as condições fun-

damentais residem na disciplina e liberdade do labor, tal como as praticamos; só com ordem se pode inculcar confiança aos que não vivem só de palavras. Comparando a tranquilidade de agora, base do surto de progresso que ninguém honestamente está autorizado a negar, com a perturbação e instabilidade dos anos em que encetei a minha vida profissional, ou seja no período após a primeira guerra até 1926, verifico a existência de sossego e disciplina, ao fim e ao cabo, bens preciosos de ordem económica e social. Sobre a posição derivada dos elementos citados, o entrevistado fez os seguintes comentários:

—Impõe-se agora aumentar o rendimento individual e «acelerar» o rendimento colectivo por imperativo do crescimento demográfico. Deve notar-se que o segundo não é, por enquanto, suficiente como, aliás, o Governo tem proclamado. A «aceleração» do rendimento geral só será eficiente se atender aos aumentos individual e demográfico. Estes factores estão interligados, não podem resolver-se independentemente. Aliás, melhor do que eu posso esclarecer, o formulário exacto encontra-se no discurso pronunciado pelo presidente do Conselho ao iniciar o ciclo de conferências sobre o Plano de Fomento. Essa oração, articulada em conjunto de ideias, determinará em si própria um programa, uma orientação, a possibilidade de valorização geral do País, na ordem da boa saúde económica.

A terminar:

—Considero esse discurso como o fundamento da mais proveitosa, segura e ponderada legislação que pode ser promulgada para melhor orientação do País. Com agudo sentido das realidades e das perspectivas nacionais ele conduzirá a Nação, a passos seguros, como os trilhados na última vintena de anos, para uma efectiva melhoria de situação de todos os Portugueses.

As sessões de propaganda

da União Nacional

Promovida pela União Nacional, realiza-se hoje, pelas 21 e 30, no Teatro Avenida, de Coimbra, uma sessão de propaganda eleitoral, presidida pelo sr. prof. dr. José Alberto dos Reis, presidente da Junta Consultiva da União Nacional. Usarão da palavra os srs. coronel Venancio Deslandes, prof. dr. Lopes de Almeida e dr. Santos Bessa, candidatos pelo círculo.

Amanhã, às 21 e 30, no Cine Teatro de Elvas, haverá uma sessão a que preside o sr. coronel Passos e Sousa e em que usarão da palavra os srs. drs. Rui de Andrade, Pires Antunes e Ramiro Ribeiro Seixas.

REUNIÃO NA NAZARÉ

NAZARÉ, 27 — (Pelo telefone) — Para tratar do próximo acto eleitoral, deslocaram-se hoje a esta vila os srs. drs. Magalhães Pessoa, Colares Pereira, José Paulo Rodrigues e António Monteiro, do I. N. T., e outras individualidades que, na sala de sessões da Camara Municipal, se reuniram com a comissão concelhia da U. N., o presidente e os vereadores do Município, as juntas de freguesia de Valado e Famação, director da Casa dos Pescadores e outras figuras locais.

Usaram da palavra, e foram muito aplaudidos, os srs. drs. Magalhães Pessoa e Colares Pereira, e o presidente da Camara Municipal da Nazaré.

O novo ministro de Cuba

chega hoje a Lisboa

No avião de Cuba, passa por Lisboa, á hora de sair o nosso jornal, o ministro cubano da Informação, sr. D. Ernesto de La Fé, escritor dotado de grande cultura e que, apesar de contar apenas 45 anos, tem larga folha de serviço em quase todos os diários cubanos, e ultimamente no «Prensa Libre».

Com D. Ernesto de La Fé, que segue viagem para Madrid, vem no mesmo avião o novo ministro de Cuba, em Lisboa, D. Rafael Montoro, que conta 33 anos e é médico, como seu pai, o dr. Octávio Montoro, metabologista famoso em toda a América e filho duma grande figura da politica cubana do mesmo apelido, tribuno eloquente nas cortes de Madrid, antes da Independência, e depois o primeiro-ministro da Republica de Cuba, em Londres, mais tarde ministro de Estrangeiros e candidato á vice-presidencia.

No aeroporto da Portela são esperados pelo encarregado de Negócios de Cuba, sr. Eduino de Móra, e pelo adido cultural da legação, sr. Cisneros.

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

UM CAVALO NA LUA

EM Setembro, o tempo era triste, naquela alta meseta, de áridas argilas azuis, que avançava, inclinada, como se quisesse despenhar-se no mar africano, ericada de restolhos enegrecidos e abrasada pelo violento ardor do Sol do estio. Apesar disso, decidiu-se que os recém-casados passassem ali, pelo menos, os primeiros dias da «lua de mel». Assim o exigia o estado do noivo.

O jantar da boda, servido numa sala da antiga quinta solitária, no meio daquelas terras cheias de Sol, com escassas amendoeiras e uma ou outra centenária oliveira mourisca, não foi, de facto, nenhuma festa para os convidados.

Ninguém conseguia vencer a sua contrariedade ou talvez mesmo receio, produzido pelo aspecto e pelos modos daquele recém-casado, rapaz gordo, de vinte anos escassos, sanguíneo, com rosto de pêssego maracotão, que olhava para um lado e, para o outro, com uns olhinhos brilhantes, como se fosse louco, e não prestava já atenção a nada, não comia, não bebia, pondo-se, por momentos, ora vermelho, ou violáceo, ora lívido, com os olhos cada vez mais revirados e mais brilhantes.

Sabia-se que, inflamado de um amor insensato, havia feito loucuras, até ao ponto de tentar suicidar-se, ele, que era riquíssimo e herdeiro único da antiga casa dos Beraldi, por aquela que presentemente se sentava ao seu lado como esposa. Era ela filha única do coronel do regimento que, havia perto de um ano, chegara à Sicília. O coronel, como prevenção contra os habitantes da ilha, de princípio não quisera consentir no casamento para não deixar ali a filha entre selvagens.

O receio pelo aspecto do esposo crescia nos convidados, à medida que iam notando o seu contraste com a graça da jovem esposa. Era uma verdadeira criança, viva, fresca, alegre, que parecia atirar para longe todos os pensamentos enfadonhos, com certos arrebatamentos de uma vivacidade graciosa, ao mesmo tempo ingénua e cheia de malícia, mas com uma malícia brincalhona, ignorante de tudo. Orfã de mãe desde criança, via-se bem que ia para o casamento completamente inocente. Houve um momento quando acabou o jantar, em que todos se riram e sentiram simultaneamente um verdadeiro calafrio ao ouvi-la dizer ao marido:

—Meu Deus, Nino! Porque fazes esses olhos tão pequeninos, tão pequeninos? Deixa que te... Mas, estás a arder!... Porque queimam tanto as tuas mãos? Olha, olha, papá, como queimam as mãos dele... Terá febre?

O coronel, sobre brasas, apressou a partida dos convidados. Não faltava mais nada! Era necessário pôr termo àquele espectáculo que tocava as raíças do indecoroso. Subiram todos para os carros. Aquele em que o coronel tomou lugar, juntamente com a mãe do noivo, também viuva, ficou um pouco para trás, porque os recém-casados, um de cada lado, dando a mão ao pai e à mãe, quiseram acompanhá-los a pé durante um bocado, até à entrada da estrada que conduzia directamente à cidade distante. Quando chegaram ali, o coronel inclinou-se, beijou a cabeça da filha e tossiu, murmurando:

—Adeus, Nino!...

—Adeus, Ida!—disse a mãe do noivo sorrindo.

E o carro pôs-se a trote largo para alcançar os convidados.

Os jovens permaneceram parados, durante algum tempo, seguindo-o com os olhos. Na verdade, apenas Ida o seguiu, pois Nino nada mais viu nem sentiu com os olhos cravados na noiva, que ficava ali, só com ele, sua por fim, inteiramente sua. Mas... o quê?... Chorava?

—Não vês o papá?—murmurou Ida, agitando o lenço para o saudar.—Partiu a chorar...

—Eu não quero que chores, Ida... Minha Ida...

—balbuciou Nino, num soluço, querendo abraçá-la, a tremer.

Ida afastou-o.

—Não, deixa-me, suplico-te...

—Deixa-me secar-te as lágrimas...

—Não, muito obrigada... querido: eu mesma as sequei...

Nino ficou como tonto, olhando-a com o semblante digno de lástima e a boca entreaberta... Ida enxugou as lágrimas.

—Mas o que tens?—perguntou-lhe.—Estás a tremer. Não, por Deus, Nino, não quero ver-te desse modo... Fazes-me rir... E tem cuidado, porque se começo a rir, nunca mais acabo. Espera que vou despertar-te...

Pôs-lhe as mãos nas suas e soprou-lhe nos olhos. Ao contacto daqueles dedos e ao alento da

queles lábios, sentiu-se vacilar e esteve a ponto de cair de joelhos. Mas ela susteve-o e soltou uma sonora gargalhada.

—Estás louco? Vamos, vamos... Além, olha, naquela colina... alvez se vejam os carros dali. Vamos!

E, pegando-lhe por um braço arrastou-o consigo, impetuosamente.

De toda a planície em redor, onde tantas ervas e tantas e tantas coisas, durante muito tempo fecundas, haviam secado, exalava-se naquele calor intenso uma espécie de ardor denso e velho, misturado às fortes emanções do esterco, que fermentava em montículos pelos barbeitos, e a penetrante fragância das hortelãs silvestres, ainda vivas. Mas esse hálito denso, esses aromas fortes, essas fragâncias picantes só ele os notava. Ida, atrás das espessas sebes de figueiras, entre as espigas ericadas e amareladas dos restolhos queimados, ouvia, na sua correria, como trilhavam alegres as calhândras e como, no calor

TEXTO INTEGRAL

do conto de
Luigi Pirandello

da planície, ressoava em sitios diferentes o agorito canto dos galos. E sentia-se acariciar, de vez em quando, pelo alento refrigerante que vinha do mar próximo e arrastava as folhas cansadas, poucas e amareladas das amendoeiras, e as folhas densas, alongadas e acinzentadas das oliveiras.

Chegaram depressa à colina mas ele não pôde manter-se de pé; estava morto de cansaço. Quis sentar-se; tentou fazê-la sentar-se também a seu lado, atraindo-a pela cintura. Mas ela esquivou-se.

—Deixa-me antes olhar!...

Começava a sentir uma vaga inquietação e não queria manifestá-la. Enfadada, por certas curiosas e estranhas tenacidades da parte dele, não podia nem queria estar quieta; queria fugir-lhe ainda, afastar-se e distrair-se, enquanto durasse o dia.

Para lá da colina, estendia-se uma planície interminável, um mar de restolhos por onde serpenteavam, aqui e além, os negros vestígios das queimadas para o adubo das terras; e aqui e além rompia, também, a áspera palidez uma ou outra mata de alcaparras e alcaçuz... Lá em baixo, muito em baixo, como na outra margem daquele vasto e amarelo mar, divisavam-se telhados de casario entre alamos altos e negros.

Pois bem: Ida propôs ao marido uma caminhada até ao casario. Quanto tempo poderiam gastar? Uma hora, pouco mais... Eram apenas cinco horas. Na quinta ainda deveriam estar a levantar a mesa do jantar. Poderiam estar de volta antes da noite.

Nino tentou opor-se, mas ela, pegando-lhe nas mãos, conseguiu fazê-lo pôr-se de pé; e empreendeu, em seguida, outra correria pelo pequeno declive da colina e depois pela espessura dos restolhos, ágil e esbelta como uma corça. Ele não podia acompanhá-la tão depressa e, cada vez mais afogado e mais tonto, corria arquejante, a transpirar; chamava-a, queria pegar-lhe na mão...

—Ida, ao menos dá-me a tua mão! Ao menos a mão!—gritava.

De repente, ela parou soltando um grito. Levantara-se na sua frente um bando de corvos a grasnar. Um pouco adiante, caído por terra, jazia um cavalo. Morto? Não, não estava ainda; tinha os olhos abertos... E que olhos, meu Deus! Que olhos!... Era um esqueleto... que costelas... que ancas...

Nino aproximou-se fatigado e colérico.

—Vamos depressa! Que estás a olhar? Voltamos!

—Está vivo ainda, olha!—gritou Ida, profundamente compadecida.—E levanta a cabeça. Oh, Deus! Que olhos!... Olha, Nino...

—Sim—disse ele, ainda cansado.—Deitaram-no aqui... Mas que te importa?... Vamos, já cheira mal...

—E os corvos—exclamou ela com um estremecimento de horror—vão-no comer vivo!

—Ida, por favor! Vamo-nos embora!—suplicou ele de mãos postas.

—Não quero!—gritou ela, no cumulo da ira, ao vê-lo suplicante e embevecido.—Responde, vão-no comer vivo?...

—Como queres que o saiba? Talvez esperem que ele morra...

—Que morra para aí, de fome e sede—repliquou ela com o semblante contraído de dor e repugnância.—Por ser já velho? Porque já não serve para nada? Ah! pobre animal, que horror, que infâmia! Mas, que coração têm esses vilões? Que sentimentos são os vossos?...

—Mas ouve—disse ele alterando-se—inspira-te assim tamanha compaixão este animal?

—E porque não a hei-de sentir?

—Mas não a sentes por mim!

—Tu és algum animal ou estás a morrer de fome e sede, atirado para o meio do mato? Olha, olha os corvos, Nino, que horrível monstruosidade... Pobre animal: tenta levantar-se! Ele mexe-se, Nino!... Talvez ainda possa andar! Vamos ajudá-lo, Nino, ajuda!...

—Mas que queres que eu faça?—perguntou Nino desesperado.—Queres que o leve de rastros... ou que o ponha às costas? Não vês que está meio morto?

—E se lhe trouxessem de comer?

—E de beber?

—E's muito mau, Nino!—disse Ida, com as lágrimas nos olhos.

Inclinou-se, vencendo a repugnância, para acariciar com a mão, suavemente, a cabeça do cavalo, que se erguera um pouco, ajoelhado sobre as patas da frente, manifestando, apesar do abatimento e da infinita miséria, um último resto, no pescoço e nas linhas da cabeça, da sua nobre beleza...

Nino, quer fosse por uma irritação de sangue, quer pelo desgosto acerbo, quer pelo suor que o banhava, sentiu um calafrio repentino, os dentes começaram a bater-lhe e um estranho tremor lhe invadiu todo o corpo. Levantou instintivamente a gola do casaco e com as mãos nos bolsos, desesperado, foi sentar-se um pouco afastado, sobre uma pedra.

O Sol já se tinha posto. Ouvia-se ao longe o ruído dos guisos de algum carro que passava lá em baixo, no caminho.

Por que tremia? A sua fronte, contudo, ardia, o sangue queimava-lhe as veias, os ouvidos zumbiam-lhe. Parecia-lhe ouvir tocar muitas campainhas ao longe... Toda aquela ansiedade, aquele tormento da espera, a frialdade caprichosa dela, aquela última correria e aquele cavalo, agora. Aquele maldito cavalo... Oh! Deus, aquilo era um sonho, um pesadelo, ou a febre? Talvez alguma coisa pior!... Sim! Que escuridão! O que é que lhe escurecia a vista? E não podia falar, não podia gritar... Chamava: «Ida! Ida!» mas a voz não lhe saía da garganta abrasada.

Onde estava Ida? Que fazia?

Tinha-se dirigido ao casario distante para pedir auxílio para aquele cavalo, sem pensar que teriam sido precisamente aqueles camponeses que haviam arrastado para ali o pobre animal moribundo.

Nino ficou só, sentado na pedra, preso de um tremor crescente. E curvado, mantendo-se encolhido como uma grande coruja agachada, descobriu de repente qualquer coisa que lhe pareceu real e atroz, como uma visão do outro Mundo, e que, não podendo ser do outro Mundo, ia fixar-se-lhe assim, eternamente nos olhos: a Lua. Mas uma Lua do outro Mundo, uma Lua enorme, que surgiu lentamente daquele mar amarelo de restolho. E, no meio daquele disco vaporoso de cobre, surgia, enegrecida, a cabeça descarnada daquele cavalo que parecia esperar ainda, levantando o pescoço, e talvez esperasse eternamente, assim negra, enquanto os corvos, formando espiral, grasnavam lá no alto, no Céu.

Quando Ida voltou, decepcionada, cheia de cólera e desolada, gritando: «Nino, Nino!» já a Lua tinha nascido, o cavalo caíra de novo como morto e Nino... onde estava Nino? Oh! estava ali também por terra!... Teria adormecido?

Correu para ele e encontrou-o no estertor, com a cara colada ao chão, quase negra e os olhos inchados, fechados e congestionados.

—Meu Deus!

Olhou á volta, quase desmaiada. Abriu as mãos onde levava algumas favas secas que trouxera do casario, para dar de comer ao cavalo; olhou para a Lua, depois para o cavalo, depois para aquele homem que também parecia morto... Sentiu-se desfalecer, assaltada, de repente, pela dúvida de que tudo quanto via não fosse verdade, e fugiu aterrorizada para a quinta, chamando pelo pai em voz alta para que ele a levasse para longe... meu Deus! para longe daquele homem que estava a agonizar... para longe daquela Lua louca, para longe daqueles corvos que grasnavam no Céu... para longe, para longe, para longe!...

DISTINÇÃO NECESSÁRIA

Tem que fazer a sua apresentação? E quer fazê-la distintamente? Mande executar imediatamente a sua placa de cobre para bilhetes estampados em relevo. E de rigor e revela a sua posição social. Verá que não o confundem. ANIBAL GRAVADOR — Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA. Casa especializada.

Convide o seu amigo para almoçar

no RESTAURANTE-SALÃO DE CHÁ «MON-TEZ CLAROS», e verá que lhe fica duplamente agradecido. Bom serviço e lindo panorama. Aberto das 12 às 3,30. Tel. 3 6566.

POLICLINICA DO ROSSIO

Largo D. João da Camara, 19, 2.º—Tel. 20660
Dr. F. Martins Pereira—Medicina geral, coracão e pulmões, 15 h.
Dr. Cancela de Abreu—Medicina geral. Doenças nervosas, às 3.º, 5.º e sábados, 19 h.
Dr. A. Pina Junior—Doen. das crianças, 17 h.
Dr. Anacleto Miranda—D. dos olhos, 16 h.

Dr. Cordeiro Lobato—Garg., nariz, ouv., 14 h.
Dr. Jorge Falcão—D. da pele, sífilis, 15,30 h.
Dr. Fontoura Madureira—Rins, v. urin., 15 h.
Dr. Luis Leite—Operações. Sr. gravidez, 17 h.
Dr. José Pereira de Pina—Boca e dentes, 17 h.
Dr. Gentil Branco—Raios X.
Dr. Formigal Luzes—Agentes físicos, maçagens e ginástica médica.
Dr. Reis Vale—Análises clínicas.
Dr. Luis Abecassis—Electrocardiografia.

O padre Américo homenageou os seus protegidos no dia em que fez anos

PAÇO DE SOUSA, 26 — Ocorreu no passado dia 23 o aniversário natalício do padre Américo, que todo o País admira, como fundador das Casas do Gaiato e do «Património dos Pobres». Sendo natural da vizinha povoação de Galegos, resolveu reunir na sua casa natal os indigentes daquela freguesia e oferecer-lhes um almoço, a que presidiu, comemorando, com os pobres, o dia do seu aniversário. Por causa da distancia, foi impossível juntar aqueles os de Paço de Sousa. No domingo imediato e no vasto refectório da «Aldeia dos Gaiatos», deu de almoçar a mais de quarenta pobres socorridos pelas Conferências de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato e da freguesia, bem como aos habitantes das moradias do «Património dos Pobres».

Em Paço de Sousa, como convidados, almoçaram, também, o pároco e os presidentes das Conferências vicentinas.

No fim da refeição, cada indigente foi contemplado com regueifas e vinte escudos, vendendo-se muitas lágrimas em muitos olhos e cenas de comovente gratidão.

MERCADOS REGIONAIS

Feira de Santo André em Mafra

MAFRA, 27 — Causou a melhor impressão nesta vila a nova deliberação da Câmara Municipal que mantém, no seu antigo lugar, no Largo Almirante Reis, a instalação da feira anual de St.º André, que se realiza no dia 30 de Novembro. O caso havia chamado a atenção da opinião pública local e a ele se referiu o «Diário de Lisboa».

Se passar por Salvaterra

Visite o Café Restaurante Ribatejano

REUNIÕES CIENTÍFICAS

Sociedade de Radiologia Médica

A Sociedade Portuguesa de Radiologia Médica promove, no dia 31, às 22 horas, na sede da Ordem dos Médicos, uma sessão em que serão tratados os seguintes assuntos: nomeação da delegação portuguesa ao III Congresso dos Médicos Electroradiologistas de Cultura Latina, a realizar em Roma de 5 a 10 de Abril de 1954; troca de impressões sobre a realização do IV Congresso dos Médicos Electroradiologistas de Cultura Latina a realizar em Lisboa em 1955; e relatório da delegação portuguesa ao VII Congresso Internacional de Radiologia de Copenhague, pelo sr. dr. Albano Ramos.

Farão conferências os srs. dr. Albano Ramos e prof. dr. Aleu Saldanha, o primeiro, sobre «Um aspecto médico-jurídico e médico-legal da radiologia, apendicular», o último, sobre «Um novo método planigráfico de cortes oblíquos para estudo dos segmentos pulmonares».

Sociedade Portuguesa

de Neurologia e Psiquiatria

Reune-se amanhã, às 21 horas, no Hospital Miguel Bombarda, em sessão mensal, a Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria, para nomear um delegado à reunião preparatória do 2.º Congresso Mundial de Psiquiatria, apreciar uma proposta da comissão de regulação da venda de estupefacientes; relatório da comissão sobre clínicas psiquiátricas em Hospitais Gerais; experiências clínicas de algumas novas terapêuticas de psiquiatria; corpo clínico do Hospital Júlio de Matos.

VIDA MUNDANA

DR. MATOS SOUSA

Chegou hoje a Lisboa, vindo de Londres, onde esteve em missão, de estudo, durante três meses, como boiseiro do Instituto de Alta Cultura, o sr. dr. Matos Sousa, primeiro assistente do Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto.

IMPRESSA

«Ler»

Referente a Outubro, safu o n.º 19 de «Ler» que está no segundo ano da sua existência e constitui, entre nós, um exemplo sadio de publicações literárias. Filiado nas tradições do «Fradique», da «Acção» e do «Diabo», jornais que consagraram as suas páginas a uma pura divulgação cultural, através dos depoimentos mais esclarecidos da nossa terra, também «Ler» mantém um penhorante interesse de leitura, que neste numero de Outubro se testemunha nos artigos de José Régio, sobre teatro; Fidelino de Figueiredo, sobre «Juventude, divino tesouro»; João Pedro de Andrade, que nos fala de Carlos de Oliveira; Joel Serrão, assinando uma crítica ao último trabalho de António José Saraiva; Manuel Mendes, que escreve sobre Antero de Quental; F. Aranha, que subverte um trabalho sobre cinema; Jaime Cortesão, sobre a ciência náutica e a revolução geográfica; e Armando Vieira Santos, que faz a apologia dos azulejos portugueses—sem contar, naturalmente, com um valioso conjunto de secções, muito de encarecer, e que nos dão alguma coisa da auscultação da vida mental do País.

«O Debate»

Comunica-nos a direcção de «O Debate», semanário de doutrina, actualidades e critica, que, por ter sido levantada a suspensão que lhe fora imposta há três meses pelos Serviços de Censura, já reaparecerá depois de amanhã.

«Revista Militar»

O general Alfredo Gruenther, comandante supremo das Forças Armadas da N. A. T. O., ofereceu a «Revista Militar», decano dos periódicos militares de todo o Mundo, o seu retrato com expressiva dedicatória, autografada em português. Esta fotografia, que será publicada no próximo fascículo do conceituado periódico, foi enviada pelo adido militar, junto da nossa embaixada em Paris e da N. A. T. O., sr. tenente-coronel do C. E. M. Andrade e Silva.

Vida desportiva

(Continuação da 3.ª página)

de Viseu-Famalicão, Joaquim Neves (Coimbra); Chaves-Tirsense, Eduardo Peixinho (Aveiro); Gil Vicente-Lamego, António Silva Passos (Porto); Beira Mar-Vianense, António C. Martins (Porto).

Zona B—Naval 1.º Maio-Os Leões, Clemente Henriques (Porto); Caldas-S. L. Olivais, José Dias Mendes (Coimbra); Torres Novas-Arroios, Manuel C. Sousa (Portalegre); Portalegre-Peniche, Luis Magalhães (Lisboa); Casa Pia-O Elvas, José Trindade (Setúbal); Torrense-Estrela, Fernando Valério (Setúbal); Os Marialvas-União de Coimbra, Avelino Ribeiro (Porto).

Zona C — Almada-Lusitano, Abel Macedo Pires (Lisboa); Olhanense-Luso, Mário Ribeiro Sanches (Lisboa); Portimonense-D. Beja, António Calheiros (Lisboa); Juventude-União Sport, Hírmio Soares (Lisboa); S. Domingos-Farense, Henrique Valido (Setúbal); Cuf-Montijo, Francisco Guimaraes (Beja).

A água fechada de noite

constitui grave risco

para a população figueirense

FIGUEIRA DA FOZ, 27. (Pelo telefone)—O incêndio que, esta madrugada, destruiu completamente o restaurante-bar «A Paulistinha», do sr. Joaquim da Costa Rodrigues, que há quatro anos lhe introduzira grandes melhoramentos, veio tornar manifesto o inconveniente de se fechar a água durante a noite, medida municipal que se não justifica depois de ter chovido já bastante. Os bombeiros municipais e voluntários da Figueira e de Buarcos lutaram com a falta de água e dificilmente evitaram que o fogo se estendesse aos prédios vizinhos. O estabelecimento estava seguro em 180 contos e os prejuízos foram totais, salvando-se apenas algum vinho.

PELO SIM, PELO NÃO,
OUÇA UM
HORNYPHON



RÁDIOS
DE NOVA TÉCNICA

QUAL
DESTES CURSOS LHE INTERESSA?

Seja qual for, escreva imediatamente ao

INSTITUTO NACIONAL DE CONTABILIDADE

Calçada da Graça, 9—LISBOA
Telef. 35491

Director: Prof. Lourenço de Carvalho

(Perito-Contabilista diplomado pelo Estado)

Receberá uma brochura gratuita

Ensino pelo correio, completado com visitas aos alunos

Alfredo Pires Martins

FALEÇEU

Sua mulher, filhas, genro, netos e mais família, cumpram o doloroso dever de participar às pessoas de suas relações e amizade, que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença, o seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente, e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Avenida Sacadura Cabral, n.º 23, para jazigo no cemitério dos Prazeres.

AG. SALGADO

Dentofluor a pasta que a indústria alemã criou para a higiene da sua boca



DENTES BRANCOS, SEM CARIE E TARTARO DENTARIO SÃO POSSIVEIS DESDE QUE USE DIARIAMENTE A PASTA

Dentofluor

A venda em todas as farmácias e drogarias do País
Sociedade de Representações Artur Pereira da Silva, Lda.
Avenida do Aeroporto, lote 89 — Lisboa — Telef. 74857

CALCULADORA

Everest

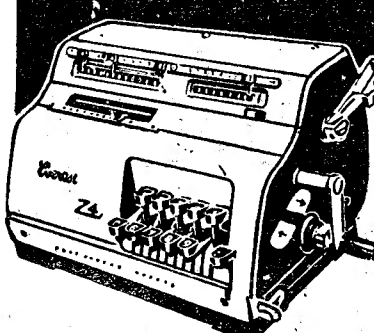
COM ESTA MÁQUINA NÃO HA CÁLCULOS DIFÍCEIS

SÓ 10 TECLAS PARA A INSCRIÇÃO E TODOS OS COMANDOS NA MÃO DIREITA

PARA SEU CONVENCIMENTO PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO SEM COMPROMISSO

REPRESENTANTES:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda
Rua dos Fanqueiros, 250-2.º E.º Telef. 20353 e 32903 LISBOA



Declaração

António Domingues dos Santos, médico, casado, declara para todos os devidos e legais efeitos, que se não responsabiliza, por quaisquer dívidas contraídas ou a contrair, por sua mulher Dalila Chiti Cabral Domingues dos Santos, residente em Lisboa, na Rua Ferreira Borges, n.º 74, 1.º Esq., contra quem corre processo de divórcio.

Lisboa, 26 de Outubro de 1953.

António Domingues dos Santos
(Segue o reconhecimento)

Aromático! Leve! Saboroso!

PÊ DA VINHA

CALDEIRA, L.ª

R. VALE FORMOSO BAIXO, 94 - TEL. 39179 - LISBOA

ÁGUAS DE SINTRA, L.ª «SABUGA»

Para efeitos de conferência de contas, convidam-se todos os credores para enviarem, até 31 do corrente, para a Rua Damasceno Monteiro, 114, desta cidade, a nota dos seus créditos. Decorrido que seja esse prazo, esta Gerência não se responsabiliza por quaisquer outras dívidas que possam aparecer.

A Gerência

PREDIO

Moderno, compra-se, de 800 a 900 contos, isento, bem situado. Resposta ao n.º 432, a este jornal.

VIAGENS A PALMA DE MAIORCA

A partir de 1 de Novembro a C. P. está habilitada a estabelecer bilhetes directos para Passageiros e para cães, bem como a despachar bagagens para Palma de Maiorca, ao abrigo da Tarifa Portugal-Espanha.

Santiago de Compostela

cidade de Espanha sem par
por ADRIANA DE VECCHI

Os fins da segunda quinzena de Setembro marcam a data em que os veraneantes abandonam altivas montanhas, praias buliçosas, cidades cheias de interesse, rios e rias de maravilha, planícies repousantes.

Regressam aos seus lares, dando por findas as horas descuidadas.

Ao retomar o fio dos quefazeres quotidianos, vão com o espírito desoprimido, cheio de frescas recordações. Benditas as férias, quando podem ser bem aproveitadas, consoante o gosto de cada um! Em mim ainda vive, e viverá para sempre, o repique e o tombar, sonoramente solene, dos sinos de *Santiago de Compostela*.

Tem esta cidade de Espanha um ambiente marcadamente distinto das demais. É como se tudo ali se alimentasse do hálito e expressão do Apóstolo, Padroeiro da nação vizinha. Ali, parece que o seu povo é mais irmão de todos os outros! Onde quer que nos encontremos há uma oferta do Divino Nazareno, identificada com o silêncio das suas «calles» e a devoção comovente dos fiéis. Ao colher pedaços da tradição que nos desvenda os princípios desta fé arraigada àquelas pedras, sentimos quanto trazem, para o Mundo sensível, memórias eternas!

Quase sem dar por isso vou-me deixando penetrar pela luz que derramam e me faz entrever a pequena igreja de *San Fiz de Solovio* e *Pelayo*, o anacoreta, aquele que dizia missa para os duzentos moradores do lugar. Muito dado a contemplar o céu, notou, em noites sucessivas, que uma estrela fulgurantíssima derramava estranha claridade sobre a copa de árvore secular. Não se conteve o bom do ancião e ao aproximar-se ficou surpreendido pelos sons harmoniosos que se expandiam em redor. Apressou-se a comunicar a sua descoberta ao Bispo de Iria, a cuja diocese pertencia o lugar. Querendo este certificar-se, para lá se dirigiu, acompanhado de sacerdotes e muito povo. No dia seguinte à sua chegada, que se crê ter sido a 25 de Julho do ano 813, conta o Bispo:

—Fui àquela lugar onde estava o alto roble; desfizemo-nos e cortámos o denso arvoredo, até que chegámos onde estava uma Santa Cova! Entrámos e vimos que estava trabalhada, contendo dois arcos e um tumulo debaixo de um altar e aos lados outros dois tumulos que não eram de tanta valia; pusemo-nos em oração e jejuou todo o povo. Abriu-se o tumulo do meio por inspiração de Deus e viu-se ser o Santo Corpo do Apóstolo Santiago, que tinha a cabeça cortada e a seu lado um bordão e um letrero, que dizia: —Aqui jaz Jacob, Filho de Zebedeu e de Salomé, que Herodes Agrippa mandou matar em Jerusalem e que seus discípulos trouxeram, por mar, até Iria Flavia de Galicia. Veio depois num carro de bois de Lupa até aqui!

Este relato explica-nos como os restos do Santo tomaram o caminho destas paragens e aqueles cujo saber é vasto esclarecem a origem da composição do actual nome de *Compostela* que conjecturam ser derivado das palavras latinas «*Campus Stellae*», *Campo da Estrela*, como ainda se chama ao terreno onde se deu o precioso achado. E' nesse mesmo ponto que nós encontramos hoje a cripta com as Sagradas relíquias encerradas numa urna de prata que atinge o peso de oitenta quilos. Fica sob o altar-mor da magnífica catedral. O artista que trabalhou a prata deu-nos um conjunto de estilo românico-bizantino. No friso que a orna, estão esculpidas nove figuras: o Salvador, Apóstolos e Santa Maria Salomé, Mãe do Apóstolo! O frontal do altar apresenta, como no tempo dos cristãos novos das catacumbas, duas aves dessedentando-se na mesma taça, símbolo das almas contritas que saciam a sede na fonte da verdade. Ainda se vê parte do primitivo altar que os discípulos construíram.

O rustico pescador dos mares da Galiléa, simples e tostado pela ardência solar, soube guardar no recondito da sua alma os factos assombrosos ocorridos durante a vida de Jesus, de quem foi dilecto discípulo. Depois de presenciar a Ascensão de Cristo, tocado pelos dons do Céu, interpretou, de forma espantosa, as Sagradas Escrituras, lutou com perseverança contra os inimigos da sua Fé e soube ensinar,

em todas as línguas, a *Palavra Divina*. Obedecendo ao misterioso mando, predicou na Judeia e querendo dilatar a sua missão resolveu correr o Mundo. Foi então que, chegado à Espanha, atravessou grande parte da Península e parou por fim na Galiza, onde durante sete anos instruiu os pagãos na nova fé. Em dado momento pareceu-lhe que a sua presença seria necessária em terras de Aragão. Para lá dirigiu seus passos. Em Saragoça foi testemunha da Aparição da Virgem, que lhe concedeu essa mercê. Este milagroso facto deu lugar à construção do magnífico templo da «Virgem do Pilar»!

As suas prédicas ainda se fizeram ouvir em Castela e Andaluzia de onde regressou a Jerusalém. Foi então que encontrou ali, o fim da sua laboriosa vida terrena. O rei Herodes Agrippa decretou o martírio e Santiago foi degolado. Tendo os judeus arreMESSADO fora da cidade não só o seu corpo como a sua cabeça junta com alguns objectos que lhe tinham pertencido, logo os discípulos se apressaram a recolher piedosamente os seus restos, transportando-os em seguida para o porto de Jaffa. Sem perda de tempo embalsamaram-no e logo que o corpo mostrou sinais de estar impregnado das substancias balsamicas, deixaram de novo o porto. Tomaram um barco à vela que brisas suaves se encarregaram de encaminhar em sentido determinado. O mar mantinha-se tranqüilo e no meio de tanta serenidade só flutuavam nos ares os canticos de louvores dos sacerdotes. Navegando docemente chegou a pequena embarcação à costa de Iria Flava, próximo da actual Santiago.

Conta-nos a tradição que os guardadores dos Sagrados Restos, ao avistarem as margens viram um cavaleiro sobre um fogoso corcel galopando pela orla marítima. De subito, cavaleiro e cavalo desapareceram nas ondas para dentro de momentos voltaram à superfície cobertos de conchas. E' esta a razão por que os peregrinos escolheram as conchas para suas insignias.

Depois de desembarcarem o corpo, quiseram os discípulos dar-lhe condigna sepultura. Seus passos levaram-nos ao *Castelo Lupario* pertencida de dama de grandes haveres e bondade. Escutada a sua petição, tudo lhes foi concedido, autorizando-a a senhora a levarem dos seus domínios o que necessitassem. Dos altares druidicos que havia pelo *Monte Ilcino* tiraram todo o material preciso. Com as relíquias do martir num carro jungido a dois bois, deliberaram deixar seguir os animais em liberdade e esperaram que o seu instinto lhes indicasse um rumo. Cinco horas se passaram e por fim, os bois se detiveram no limite da região de Amaia, ou Solovio, negando-se a irem mais longe. O turista que hoje visite Santiago encontra assinalado este local por uma pequena capela chamada «*Capilla de Santiago*», situada numa «*cal*» que do Campo da Estrela vai à Catedral. Pertenceu ao Hospital da Rainha, onde se diz que ficou alojada a rainha Santa Isabel quando foi em peregrinação a Santiago.

A pouca distancia foi escavada a primeira cripta e ao darem sepultura ao Apóstolo colocaram juntamente a sua opa de peregrino, o seu bordão, o chapéu, a corrente e a faca que tinha sido utilizada quando foi vítima da sua fé.

Dispuseram um altar sobre o hipojeu e para que ficasse bem resguardado deram-lhe a forma de templo. Conjectura a tradição ter este analogia com o de *Este e Elefantina*.

Cumprido o anseio que os trouxe, espalharam-se os discípulos por terras de Espanha com excepção de *Atanasio e Teodoro*, que não quiseram abandonar o sepulcro, dando-se também a comunicar a religião que professavam aos pagãos daquelas cercanias. Tão virtuosa foi a sua existência que, quando a morte se lembrou deles, as gentes do sítio resolveram enterá-los na cripta onde repousava o seu Santo



Atraves das ramagens do Parque da «Herredura» recorta-se a formosa catedral de Santiago de Compostela

Mestre. Nasceu assim e tornou-se aquele ponto um centro de periodicas romagens e tal vulto tomaram elas que Vespasiano as proibiu. Com o terror que Nero infundia e receosos das suas perseguições, a *Santa Cova* foi abandonada à fúria da Natureza. Amontoaram-se-lhe por cima pedregulhos de mistura com forte arvoredor que rompeu de todos os lados. Ficou assim esquecida, durante séculos. Sob o reinado de Afonso II, o «Casto», comprovou-se a existência dos sepulcros e por sua ordem, ergueu-se a primeira igreja em pedra e barro, doando-se-lhe uma área de três milhas em redor.

Pedra a pedra se foi tecendo a história Compostelana! Novamente acudiram dos confins do globo os romeiros, que guiando-se pela *Via Lactea* ali vinham ter, pelo que também se tornou conhecida por «*Caminho de Santiago*»!

As alternativas de paz eram curtas. Durante um dos grandes e numerosos combates resultou ainda maior crença no Apóstolo.

Afirma-se que D. Ramiro I, rei da Galiza, tendo sido derrotado pelos mouros, encontrava-se acampado em Rioja. Muito acabrunhado com o desastre, ruminava a desforra e livrar o seu povo do infamante tributo que os emires exigiam: a entrega de cem donzelas! Com o corpo extenuado e o coração cerrado de amarguras, caiu em meditação. Aos seus olhos assombrados apareceu a figura corpórea de Santiago que lhe insinuou a forma de combater e o comando a dar às tropas perante o inimigo. Alvorocado, participou a visão aos que o acompanhavam e em breve a notícia chegava aos soldados cristãos. No dia seguinte tão seguros iam sob a invocação de Santiago que aos gritos de: «*Santiago, Cierra España*», e perante a sua valentia os agarenos fugiram em tropel deixando o campo semeado de cadáveres. Ainda por muitos séculos a cidade sofreu constantes assédios.

Foi saqueada; por ela falcaram as lanças e o choque metálico das espadas ecoou na penumbra das arcadas das suas «calles». Nas épocas de florescência medieval acudiram os grandes artistas, doando-lhe a profusão de monumentos que hoje contemplamos em admiracão.

A's suas escolas vinham receber educação as futuras figuras reinantes. A afluência de peregrinos trazia elementos de civilização que se deixavam dominar pelo carácter e ambiente local. O desembarque do almirante inglês Drake e do general Morris toldou de novo aquele pacato céu. Com eles vinham 14.000 homens que não faziam prever bons dias. Temendo a devastação, o arcebispo João Sancelmente pensou em trasladar os restos do Patrono e seus discípulos para a Catedral de Orense. Não deu o inimigo tempo a efectuar essa prevenção, o que levou o arcebispo a construir apressadamente, outra sepultura ao Apóstolo, tendo contudo o cuidado de construir a nova tumba com o material das antigas e segundo a usança romana, querendo assim facilitar à posteridade a certeza da autenticidade das relíquias. Como o arcebispo tivesse falecido e por muito tempo a população vivesse em sobressaltos, não se animando a quebrar o segredo aqueles que tinham sido testemunhas oculares, perdeu-se o sítio em que o Santo estava e a certeza de encontrar, de novo, o tumulo.

Porém, em 1640, uma era de calma deu ensejo a que, de suspeita em suspeita, recaísse a atenção sobretudo nas imediações do altar-mor. Coroado de êxito o trabalho dos arqueólogos, surgiu em 1879 uma tosa urna sob o dito altar-mor. Conhecida a noticia, os devotos acorreram jubilosos, recomeçando as romagens.

Afortunadamente que o triste periodo de 1931 a 1939 respeitou a cidade maravilhosa, não havendo a lamentar mais do que horas de amarguradas angustias passadas pelos seus habitantes, que assim se viram protegidos, uma vez mais, pelo Apóstolo Santiago, Patrono de Espanha.

ADRIANA DE VECCHI

ALMOÇO DE HOMENAGEM

Num dos restaurantes típicos dos arredores de Lisboa realiza-se no próximo dia 31 um almoço de homenagem ao comandante Henrique Puga, dos Bombeiros Voluntários, tomado parte amigos pessoais e de corporações de bombeiros, zoófilos e combatentes da Grande Guerra.

BARREIRO



Inácio Rebelo FALECEU

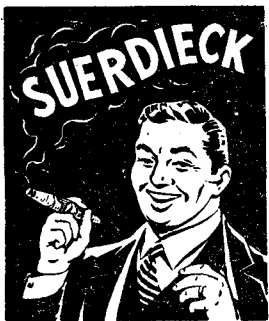
Maria Flóra Pires Rebelo, Isaura Rebelo Mendes, seu marido Urbino Mendes Nicolau e suas filhas, Amélia Jesus Pires e seus filhos, Francisca Rodrigues de Freitas, Manuel Rodrigues Afonso e sua esposa, Deolinda Rodrigues Afonso Jorge Fernandes, seu marido e filhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade o falecimento do seu saudoso marido, pai, sogro, avô, cunhado, tio e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 16 horas, da igreja de S. Lourenço à Rua Marquês Ponte do Lima, para o seu jazigo no cemitério do Alto de S. João.

AGENCIA MAGNO

BOLACHAS BISCOITOS



À VENDA NAS BOAS CASAS



O CHARUTO QUE SE FUMA COM PRAZER
A' venda em todas as tabacarias

Rep. R. S. Contreras, Lda.
R. da Glória, N.º 4-2.

Há ainda muito que fazer

antes que as forças do mundo livre estejam à altura da situação

— afirmou o chefe do Estado-Maior adjunto americano

WASHINGTON, 27.—Falando para um grupo de jornalistas americanos que tinham sido convidados a fazer «uma hora de estratégia» no Pentágono, o general Lyman Lemnitzer, chefe do Estado-Maior adjunto, declarou: «Uma das missões importantes do Exército de terra americano consistiria, em caso de conflito, em proteger o território americano contra os actos de sabotagem. O inimigo é, além disso, capaz de lançar um ataque contra o continente americano, por meio duma operação aérea ou anfíbia».

Continuando, o general disse que «contrariamente a certas opiniões pessimistas», supõe que um sistema de defesa anti-aérea «muito eficaz» pode ser posto de pé nos Estados Unidos. E afirmou: «Devemos lembrar-nos de que durante a guerra, a aviação americana perdeu mais bombardeiros derribados pela defesa anti-aérea inimiga do que pelo fogo dos caças».

A propósito da defesa da Europa, o general declarou: «Uma das lições da guerra da Coreia é que o único meio de defender as forças de infantaria é opor-lhes outras forças de infantaria, pois a aviação, por si só, na maioria dos casos, não chega».

Referindo-se à Coreia, disse: «Deve-se admitir a possibilidade de recomencarmos as hostilidades. As nossas tropas, ali, estão em estado de alerta e procederam sobre a nova linha da frente a importantes trabalhos de fortificação. Removeu-se tanta terra como a que foi retirada para a abertura do canal do Panamá».

Ocupando-se dos problemas que existem quanto à defesa do Atlântico, o general Lemnitzer afirmou: «Uma das grandes fraquezas da organização atlântica é a insuficiência da aviação. E' preciso que o mundo livre não se esqueça da ameaça que pesa sobre ele. Se desanima no seu esforço, o perigo dum ataque soviético aumentará».

E concluindo disse: «Há ainda muito que fazer antes que as forças do mundo livre estejam à altura da situação». E passou a pôr em paralelo os seguintes números: U. R. S. S.—175 divisões, 40.000 tanques, 70 divisões satélites e todos os milhões de homens do Exército comunista chinês. Estados Unidos —20 divisões, 18 «equipas de combate» regimentais de 5.000 homens e cem batalhões de defesa anti-aérea.—(F. P.)

O poder naval dos Estados Unidos

NOVA YORK, 27.—Segundo números fornecidos pelo secretário de Estado da Marinha, Robert Anders, durante um discurso que pronunciou no Conselho de Nova York da Liga Naval, que reúne especialistas em questões marítimas e antigos oficiais da Marinha americana, os Estados Unidos têm actualmente em serviço, num total de 1.129 barcos de guerra, 14 porta-aviões, 4 cruzadores de batalha, 10 cruzadores, 244 contratorpedeiros, 108 submarinos e 40 unidades de transmissão e desembarque, dispondo, além disso, de 9.940 aviões de todos os tipos. Informou ainda que os Estados Unidos tinham actualmente em pé de guerra, 3 divisões de fuzileiros navais apoiadas por 3 grupos aéreos.—(F. P.)

A Noruega e a Dinamarca não aderem ao Exército Europeu

COPENHAGUE, 27.—O correspondente da agência de informações dinamarquesa em Oslo anuncia que, segundo o jornal norueguês «Dagbladet», a organização do Pacto do Atlântico fez uma certa pressão sobre a Noruega e a Dinamarca «a fim de convencer estes dos países a tornarem-se membros do Exército europeu». Segundo o mesmo correspondente, aquele jornal diz que a N. A. T. O. esperava, com esta manobra, fazer ratificar o tratado da C. E. D. em Paris e nas outras capitais europeias. E, concluindo, diz que o jornal norueguês escreve: «Tanto a Noruega como a Dinamarca rejeitaram a proposta da N. A. T. O., afirmando que não lhes

interessa ser membros do Exército europeu».—(F. P.)

As bases aéreas em Marrocos

WASHINGTON, 27.—O general Nathan Twining, chefe do estado-maior da aviação americana, partiu ontem de Washington para ajuizar, ele próprio, «da oportunidade de prosseguir a construção de bases aéreas em Marrocos». No Pentágono confirmam que os recentes acordos entre os Estados Unidos e a Espanha são susceptíveis de afectar os programas de construção de bases na África do Norte. O estado-maior da aviação americana parece ter, há já algum tempo, dúvidas quanto à utilidade das duas bases marroquinas que deviam ser construídas em Bulhau e Djima Sahim e não deseja, senão depois de madura reflexão, ordenar essas construções.—(France Presse).

O desacordo mantém-se

na conferência preliminar acerca da paz na Coreia

PAN-MUN-JON, 27.—Ao começar a reunião da preconferência política, o representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros norte-coreano, Ki Sok Bok, reiterou energeticamente o ponto de vista comunista de que o problema da composição da futura conferência a respeito da Coreia deveria ser discutido imediatamente e com prioridade, em Pan-Mun-Jon.

«Temos uma tarefa importante e urgente a realizar, acentuou Ki Sok Bok. 1.º—Solucionar rapidamente a questão da participação das nações neutras na conferência política; 2.º—Chegar a um acordo quanto à data, local, modalidades de funcionamento e outros pormenores dessa conferência».

Arthur Dean, representando as dezasseis nações que lutaram na Coreia, reafirmou por sua vez a posição das nações unidas: «A questão da data e do local da conferência política deve ser discutida em primeiro lugar, disse. Nunca chegaremos a acordo se continuarmos a reclamar a discussão da composição da conferência antes das outras questões estarem resolvidas».

Londres voltou a ter serviço de autocarros

LONDRES, 27.—Os 2.500 motoristas dos camiões-cisternas de gasolina, cuja greve não oficial ameaçou Londres de paralisação dos serviços de transportes, regressaram hoje ao trabalho. Estão a preparar-se para retirar para os seus quartéis os 6.000 soldados que o Governo mandou vir para Londres no fim de semana, para tomarem conta do abastecimento de gasolina. Um informador do Ministério da Guerra disse que ficariam concentrados em quartéis até serem recebidos ordens de dispersão.

Os homens, que se puseram em greve contra a opinião do seu sindicato decidiram ontem regressar ao trabalho. Patrões e representantes da União devem reunir-se amanhã, para recomencarem a discussão das queixas dos homens. Os serviços de autocarros estão hoje a funcionar normalmente.—(R.)

IMPERMEABILIZAÇÃO E LAVAGEM DE GABARDINAS

A organização mais moderna em processos novos e garantidos, assim como em limpeza a seco e deslustragem firme. Bastará ligar a 23422, Rua da Prata, 156, s/l. —Alfaiataria Soares.

N. B.—Gabardinas inglesas escuras, limpam-se a seco não estando muito sujas; de outro modo ficam manchadas.

—Atendem-se justas reclamações nos termos legíveis a vermelho nos nossos talões contra-recepção.

A energia atómica para fins industriais

LONDRES, 27.—O Ministério dos Abastecimentos da Grã-Bretanha está a procurar um local no Norte da Escócia para uma fábrica de energia atómica industrial, que poderá ser a primeira no Mundo a produzir essa energia em escala comercial. O ministro dos Abastecimentos foi ontem instado no Parlamento para fazer uma declaração sobre o projecto, mas respondeu que não estava ainda em posição de o poder fazer.

A instalação da energia atómica será edificada algures, próximo do mar, numa área onde se disponha de mão-de-obra e haja água potável em abundância.

Está actualmente a construir-se uma instalação atómica em Calder Hall, no Noroeste da Inglaterra, mas apenas para fins experimentais.

O ministro dos Combustíveis e da Energia referiu-se ontem a projectos atómicos, na Câmara dos Comuns, ao discursar no debate sobre os carburantes e a energia da Grã-Bretanha. Disse julgar que haveria em Janeiro «quantidades úteis de electricidade» produzidas no novo estabelecimento nuclear de Calder Hall e no novo reactor mencionado pelo ministro dos Abastecimentos.—(Reuter).

Prevê-se um encontro entre Pella e Popovitch para se ocuparem da questão de Trieste

PARIS, 27.—A vinda a Paris de Giuseppe Pella, presidente do Conselho e ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália, esperado amanhã para o Conselho da O. E. C. E., coincide com a estadia de Popovitch, ministro dos Negócios Estrangeiros da Jugoslávia, que, chegando de Nova York, onde assistiu aos trabalhos da O. N. U., faz escala em Paris, na viagem de regresso a Belgrado. Esta presença simultânea dos estadistas italiano e jugoslavo fez prever a eventualidade de um encontro importante.

Segundo indicações de boa fonte, o encontro Pella-Popovitch serviria de sondagem mútua para apurar em que medida seria possível uma solução de meio-termo do caso de Trieste. Abriria o caminho à reunião de uma conferência de cinco, em Londres, reunião projectada por ocasião do ultimo encontro, na capital britânica, dos três ministros dos Negócios Estrangeiros ocidentais.

A possibilidade da entrevista Pella-Popovitch foi levantada na conferência que Georges Bidault teve ontem, no Quai d'Orsay, com os embaixadores dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha em Paris. Parece que foram estes os primeiros a aventar a eventualidade, mas, do lado francês, há cepticismo quanto às probabilidades de êxito da diligência. O ministro jugoslavo foi recebido esta manhã por Bidault e ontem recebeu, por sua vez, na embaixada jugoslava, o secretário-geral do Quai d'Orsay, Parodi. O ministro dos Negócios Estrangeiros francês faz quanto dele depende para facilitar uma solução do problema de Trieste, mas recusa-se, de momento, a ir mais além da intervenção como árbitro e a tomar a iniciativa de qualquer diligência.—(F. P.)

Teriam chegado à Alemanha ocidental oito obuses atómicos

BERLIM, 27.—A rádio de Berlim-Leste anuncia que segundo informações provenientes dos meios do estado-maior americano em Heidelberg, oito obuses atómicos chegaram à Alemanha ocidental e foram armazenados em Rupertsweiler, na zona americana. Esta informação é o seguimento das «revelações sensacionais» a que se referiu este mesmo posto quando aludiu, na semana passada, à chegada de canhões atómicos à Alemanha.

Segundo a rádio de Berlim-Leste, estes oito obuses destinam-se a exercícios de tiro real na Alemanha ocidental. Aquele posto acrescenta que o general Hodge, novo chefe do estado-maior dos exércitos de terra dos Estados Unidos, durante uma conferência que teve, em meados de Outubro, com os comandantes e oficiais de artilharia do 7.º exército americano, anunciou que, de acordo com a Comissão Americana de Energia Atómica, o general alemão Heusinger e numerosos oficiais alemães assistiriam a estes exercícios, aos quais «nenhum representante britânico ou francês seria autorizado a assistir».—(F. P.)

Washington não desmente

WASHINGTON, 27.—As autoridades do Pentágono recusam-se a fazer comentários acerca das informações rádiodifundidas por Berlim-Leste e segundo as quais oito obuses atómicos teriam chegado à Alemanha ocidental para serem utilizados durante exercícios de tiro. Diz-se, porém, nos círculos bem informados, que o envio para a Europa de seis canhões atómicos não se fez secretamente e que, em boa lógica, era de esperar que estas peças, mais cedo ou mais tarde, recebessem as munições que lhes correspondem.—(F. P.)